

B**L****M****U****N****D****A**

1**9****9****8****E****S****T****O****L****C****O****L****M****O**

D**I****C****I****O****N****A****R****I****O** **D****E** **L****U****G****A****R****E****S** **I****M****A****G****I****N****A****R****I****O****S**
E**N****C****O****N****T****R****O****S** **L****U****S****O**-**G****A****L****A****I****C****O**-**F****R****A****N****C****E****S****E****S**

«Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra e a iniciativa. Com a mesma veemência e a mesma força com que reivindicarmos os nossos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa começar a tornar-se um pouco melhor.»

José Saramago

**FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO
THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION
CASA DOS BICOS**

**Segunda a Sábado
Monday to Saturday
10 às 18 horas
10 am to 6 pm**

**ONDE ESTAMOS
WHERE TO FIND US
Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org**

**COMO CHEGAR
GETTING HERE
Metro Subway
Terreiro do Paço
(Linha azul
Blue Line)
Autocarros Buses
25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746,
759, 774,
781, 782, 783, 794**

A morte de Madiba I

De entre as muitas páginas que se escreveram nos jornais do mundo inteiro na sequência da morte de Nelson Mandela, no passado dia 5 de dezembro, escolhemos destacar o texto de John Carlin, no *El País*, não só pela abordagem completa que faz sobre a vida do homem que contribuiu decisivamente para derrotar o regime do *apartheid*, mas sobretudo pelo modo como se estrutura a peça, preferindo construir uma narrativa em vez de ceder à elegia fácil. Conhecedor profundo da realidade sul-africana, Carlin conta a vida de Mandela a partir de um registo de reportagem, cruzando os momentos essenciais da biografia com episódios contados por companheiros e conhecidos do antigo presidente da África do Sul, o que lhe permite destacar a nobreza de carácter de Mandela, mas igualmente os traços que o afastam da aura de santidade que a morte lhe trouxe (mesmo nas palavras de tantos que o desprezaram quando lutou, com armas políticas e de fogo, pela liberdade). O famoso episódio em que Mandela, depois de ser eleito presidente, convence o antigo chefe de protocolo a ficar ao serviço da presidência, respeitando-o e querendo envolvê-lo na construção do futuro do país, como a todos os que nele viviam, brancos ou negros, defensores da igualdade ou racistas empedernidos, surge ao lado de episódios em que se confirmam as pequenas vaidades de Madiba ou a sua estratégia de usar o respeito mútuo (que não deixava de lhe ser algo intrínseco) para ganhar vantagem no terreno político. Ainda que os apologistas da elegia vã possam crer que depois da morte não vale a pena falar daquilo que parecem falhas de um carácter que toda a gente quer unanimemente imaculado, o texto de John Carlin confirma algo muito mais nobre, a certeza de que alguém com as qualidades e a biografia extraordinária de Mandela só o é porque nunca se afastou da condição humana, tão sujeito a dúvidas e fraquezas como todos.

Madiba I ►



A morte de Madiba II

Para além das páginas escritas sobre Nelson Mandela, outros modos de contar a sua vida passaram pelas páginas da imprensa mundial, nomeadamente pelas capas dos jornais e revistas dos dias seguintes. Um dia histórico como aquele em que morreu Mandela terá sido responsável pela habitual agitação nas redações nos momentos em que é preciso fazer alguma coisa que se destaque, não só para realçar o jornal onde se trabalha, mas igualmente para assinalar de um modo inesquecível um dia que merece figurar na nossa cronologia coletiva. O diário português *Público* apresentou-se, no dia 6 de dezembro, com uma capa que perdurará na memória sempre efêmera da imprensa: a fotografia não é de Mandela, como em quase todos os jornais, mas do seu punho, cerrado em gesto que pode ser de luta e de celebração. O logótipo do jornal, habitualmente vermelho, está a preto, e o conjunto é de uma força visual impressionante, à semelhança da vida e do legado de Nelson Mandela. A assinatura do design é de Sónia Matos, diretora de arte do jornal.

Madiba II ►



Revista *Cesárea*

Num tempo em que a imprensa se diz em crise e em que quase tudo está ainda por definir no reino do digital, há quem saiba aproveitar as facilidades de distribuição e circulação permitidas pela Internet sem se afastar do padrão de qualidade que o impresso tornou regra (mesmo que com muitas exceções). *Cesárea* é uma revista literária que só existe em suporte digital, para tablets, mas nunca se sabe até onde caminham projetos com a força que este demonstra no primeiro número. Criada por Schneider Carpeggiani e Jaine Cintra, no Brasil, a *Cesárea* inclui reportagens, contos, poesia e ensaio. A sua linha, ainda por definir (como em todas as revistas à espera do número 2), parece oscilar entre a abordagem jornalística menos convencional, o ensaio e a literatura, e uma variedade de temas que garante pontos de interesse diversos. A vida e a obra de José Cardoso Pires, o *modus operandi* de Daniel Mordzinski, a fluidez das identidades de género, a crónica enquanto género jornalístico plástico ou a literatura enquanto processo de construção de um mundo com sentido são alguns dos temas abordados por um naipe de colaboradores que orbitam em torno do jornalismo, da literatura e da academia sem que os seus óbvios pontos de contacto se tornem homogêneos. Aliás, se há linha que caracteriza a *Cesárea*, assim batizada em homenagem a Cesárea Tinajero, personagem de *Os Detetives Selvagens*, de Roberto Bolaño, é a certeza de que apenas na escolha e na definição de um padrão qualitativo houve preocupação com a homogeneidade; para lá desse padrão, manda a pluralidade de visões e modos de registo. Se o projeto se tornar viável, a cada trimestre teremos uma nova edição para comprar na loja da Apple. O preço, 1,99 dólares, justifica cada página e até parece pechincha.

Cesárea ▶

Esmiuçando Paulo Coelho

Pode parecer mais um texto que desdenha o *bestseller* dos *bestsellers* em língua portuguesa, mas a prosa de Héctor Abad Faciolince sobre os livros de Paulo Coelho, publicada na revista colombiana *El Malpensante*, não cede à fácil maledicência, preferindo analisar-lhe os romances, as técnicas narrativas e o modo de abordar os temas para com isso refletir sobre o que fará de Paulo Coelho um autor tão lido e tão apreciado por leitores que raramente se dedicam a leituras, digamos, mais densas. O autor colombiano cumpre a missão a que se propôs com minúcia, identificando temas (com o pseudo-esoterismo e o suposto sobrenatural à cabeça) e modos de escrita (sobretudo estruturas elementares, utilizadas sem ambição plástica ou semântica, garantindo compreensão imediata e sem esforço de segundas interpretações), ao mesmo tempo que desvenda aquilo que vai surgindo no discurso dos críticos de Paulo Coelho, com a vantagem de o fazer a partir dos textos, o que põe fim à ideia de que quem repele a escrita deste autor o faz sem conhecimento de causa e apenas por desprezo ou inveja. Um exemplo: «Hay un ingrediente adicional que hace más eficaz el recurso al pensamiento esotérico. Para volverlo doctrinalmente inofensivo, para despojarlo de todo peligro satánico, Coelho lo combina con dosis adecuadas de cristianismo tradicional: citas de la *Biblia*, cuadros del Sagrado Corazón de Jesús, rezos del Padrenuestro... El público mayoritario no se siente en pecado porque lee herejías, y el narrador, al tiempo que se hace pasar por alguien dotado de poderes paranormales (capaz incluso de telepatía), deja saber que él es también un buen cristiano, a pesar de sus coqueteos con la magia.»

Paulo Coelho ▶

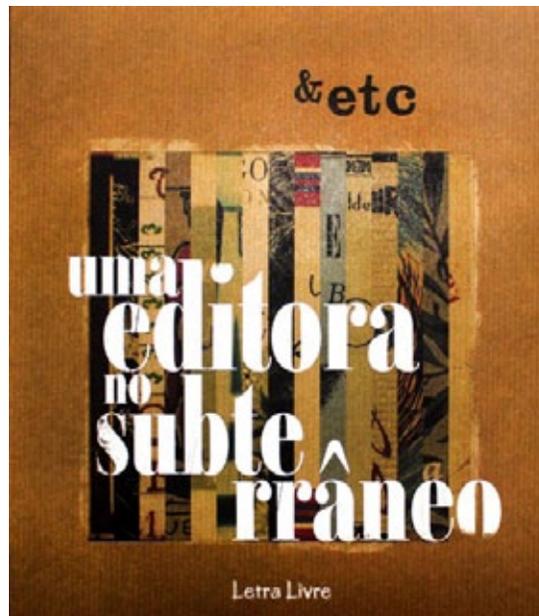
40 anos de ‘livrinhos’

Há efemérides livrescas que se assinalam com o ruído de um bombo de festa e outras que se celebram à imagem daquilo que se festeja, pessoa ou entidade, deixando uma marca mais duradoura. O lançamento de *& etc, Uma Editora no Subterrâneo*, edição da Letra Livre coordenada por Paulo da Costa Domingos, foi assim, com muita gente a não querer deixar de estar no bar do teatro A Barraca, ouvindo Vitor Silva Tavares (VST) e os seus cúmplices, e depois com pouca estridência a anunciar a chegada do volume às livrarias. Outra coisa não seria de esperar de um livro como este, que já se sabia essencial ainda antes de existir materialmente, e que ninguém contaria ver em campanhas, promoções especiais ou marketings de estação. Está lá, nas livrarias, e quem não quiser perdê-lo, é melhor procurar uma e abastecer-se.

Com o formato a reproduzir a estrutura do quadrado inscrito no retângulo que define os livros da *& etc*, o volume que reúne autores, colaboradores (ou cúmplices, como gosta de lhes chamar o editor) e leitores da editora de VST assinala os 40 anos desta casa. Fisicamente, a *& etc* é uma cave já lendária situada na Rua da Emenda, perto de alguns cafés de bairro e das poucas livrarias e alfarrabistas que o suposto *glamour* do novo Chiado de rendas altas e comércio de luxo ainda não destruiu. De grafismo exímio e construção onde se nota o cuidado de um ourives, o miolo inclui palavras do próprio VST, acompanhadas de textos assinados por quem

tem ajudado a fazer os livrinhos da *& etc*, por quem os tem como farol e espaço de uma certa reserva protegida e por quem os tem lido com a devoção que a editora soube criar no grupo dos seus seguidores atentos. Aqui cabem textos como os de Paulo da Costa Domingos, presença assídua nos bastidores da *& etc* e, pontualmente, na capa dos livros, Manuel de Freitas ou Rocha de Sousa, autores da casa, Luís Henriques, um dos ilustradores frequentes, Cláudia Clemente, autora de um documentário sobre a editora, ou Isaque Ferreira, leitor dedicado e colecionador metuculoso de palavras que sejam poesia.

A estes e outros textos juntam-se matérias diversas, essenciais para fazer deste livro um marco na história da edição portuguesa. É o caso da entrevista que Alexandra Lucas Coelho fez a VST, aqui numa versão mais extensa do que a que saiu no *Público*, uma peça que ajuda a fixar a história da editora; das cartas de Luiz Pacheco, com a verve que o caracterizava a marcar o ritmo de desabafos, recados e contribuições escritas para o *& etc*, suplemento do *Jornal do Fundão* que esteve na origem da editora; das capas de todos os livros da editora e das muitas imagens de esboços, planos que originaram livros, folhas censuradas com o lápis azul do fascismo, autos de apreensão de um livro como *O Bispo de Beja*, de Homem-Pessoa, apreendido por um governo que já devia ser democrático, porque abril já lá ia, para além das fotografias a documentarem a vida da editora; do catálogo completo a servir de guia para o que já se conhece e para o que se perdeu, porque esta é uma editora de tiragem única. Sem brindes nem dourados, *& etc. Uma Editora no Subterrâneo* é uma preciosidade bibliográfica a pedir manuseio frequente e deleite constante, antes que esgote, antes que já não haja editoras que façam livros como quem faz livros e os queiram vender como quem conhece os seus leitores.



VVAA (coord. Paulo da Costa Domingos & etc *Uma Editora no Subterrâneo* Letra Livre

Sara Figueiredo Costa

Sara Figueiredo Costa

Gastão Cruz

A Poesia Portuguesa Hoje

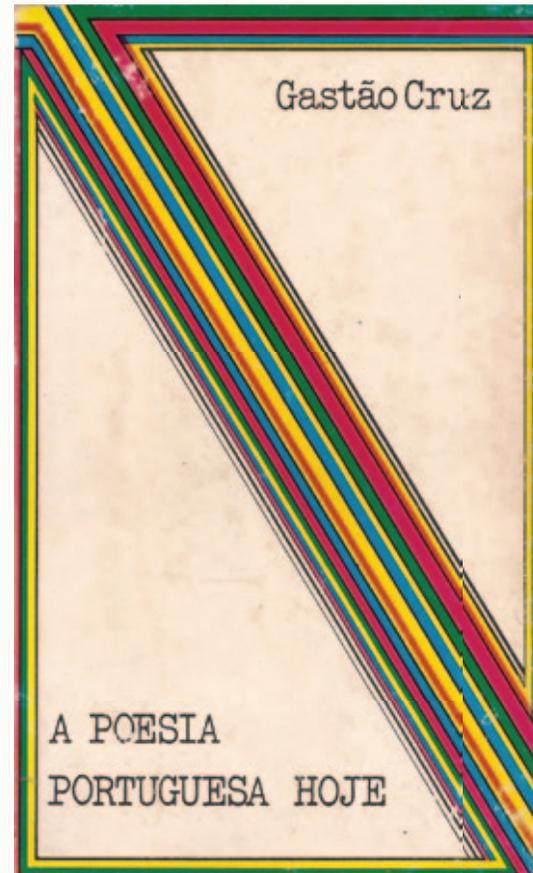
Plátano Editora

Comprado na Feira da Ladra (5 euros)

É possível regressar à Feira da Ladra, em Lisboa, semana após semana, parar nos mesmos locais onde as mesmas pessoas vendem livros usados e constatar que o ‘catálogo’ disponível nunca é o mesmo. Claro que há títulos que se eternizam, alguns durante meses e até começam a apresentar sinais já não da sua vetustez, mas antes do desinteresse que provocam nos clientes habituais. Apesar desses, o habitual nestes sábados matinais é não haver monotonia, e isso pode querer dizer que se vai encontrar um livro curioso, de que nunca se havia tido notícia, talvez um compêndio de Botânica ou um manual de um qualquer ofício caído em desuso, mas também pode querer dizer que é possível tropeçar num volume que há muito se procurava e cujo preço habitual nos alfarrabistas frequentados em sítios mais seletos nunca havia tornado a compra imediata.

Foi assim que apareceu, entre páginas dobradas de livros sem leitores e uma ou outra curiosidade apetecível que acabou por ficar para os próximos leitores interessados, *A Poesia Portuguesa Hoje*, de Gastão Cruz. Ainda por cima, trata-se da primeira edição, segundo confirma esse poço sem fundo de informações fiáveis e desprezíveis que é a Internet, com capa de Antonio Palolo e edição da Plátano. Tudo em troca de uma nota de 5 euros, um preço tão curto que nem mereceu tentativa de regateio.

Os textos que compõem *A Poesia Portuguesa Hoje* formam um *corpus* essencial para uma leitura crítica da produção poética do século XX, tendo em conta as balizas possibilitadas pelos conceitos de modernida-



de e de contemporaneidade. Explicando teorias, disputas críticas e leituras possíveis e sempre ao pé da letra, Gastão Cruz traça um caminho detalhadamente anotado pelas obras de autores como Miguel Torga, José Gomes Ferreira, Jorge de Sena, Eugénio de Andrade, Sophia de Mello Breyner Andresen, Mário Cesariny, Ruy Belo ou Luiza Neto Jorge, acrescentando ensaios mais gerais sobre a poesia mais recente naquela década de 70 em que a primeira edição deste livro foi publicada.

Em 2009, com a publicação de *A Vida da Poesia* pela Assírio & Alvim, Gastão Cruz haveria de acrescentar a este volume uma série de outros textos que procuram

atualizar a reflexão crítica sobre a produção poética portuguesa em função da cronologia que entretanto se estendeu. Com essa edição revista e aumentada o autor permitiu aos leitores mais recentes o acesso a um livro nem sempre fácil de encontrar, gesto que deve ser felicitado num mercado editorial que parece não prezar a memória tanto como preza a voragem da novidade de curta duração. Apesar disso, há uma certa aura de tesouro descoberto quando nos vem parar às mãos o livro em formato pequeno, quase de bolso, editado em 1973.

GRANTA

PORTUGAL | 2

GRANTA 2: «PODER»

ASSINE COM 25% DE DESCONTO

DIRECÇÃO DE
CARLOS VAZ MARQUES

REVISTA SEMESTRAL
NOVEMBRO | MAIO



WWW.FACEBOOK.COM/GRANTAPORTUGAL

o mapa infinito

de alberto
manguel

e gianni
guadalupi

Sara Figueiredo Costa

mapas Tinta da China

● Mapa Infinito de Alberto Manguel e Gianni Guadalupi

A estrada 66 serpenteando pela América literária que Jack Kerouac ajudou a construir continua a ser, cinquenta e seis anos depois da publicação de *On the Road*, um dos destinos turísticos de eleição para mochileiros, amantes das viagens improvisadas e apreciadores de aventuras. Diz quem por lá passou que a desilusão tende a surgir em demasiadas curvas, não porque a estrada não seja impressionante na sua extensão e variada nas paisagens naturais e humanas que permite conhecer, mas antes porque dificilmente será a estrada que Kerouac descreveu e encheu de swing, ilusões, melancolia e venenos vários quando escreveu o seu livro mais conhecido.

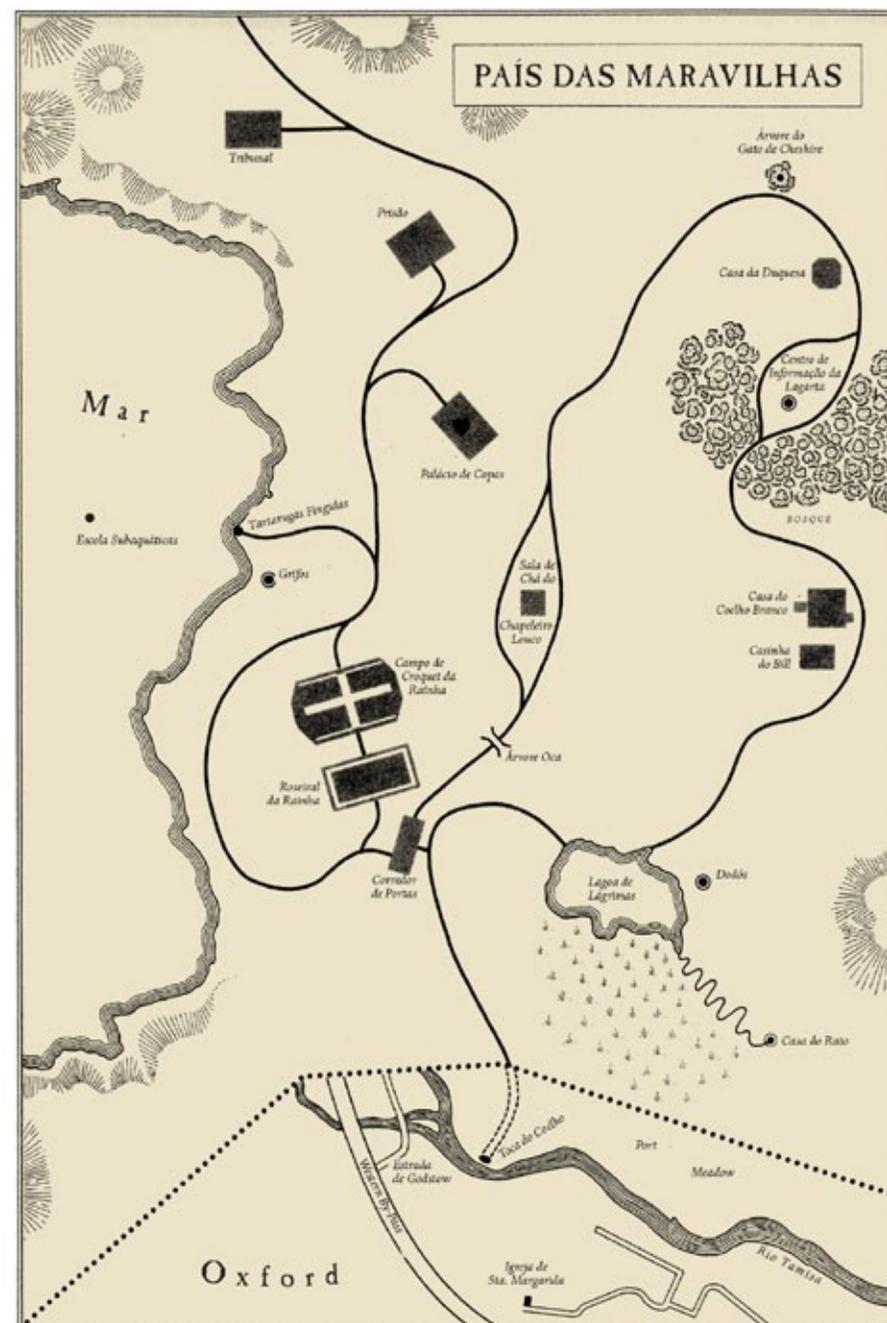
Uma outra estrada, impossível de percorrer a pé ou em qualquer veículo fabricado pelo ser humano, parece oferecer garantias mais elevadas de não desiludir quem por ela tentar passar. Os ladrilhos amarelos que lhe servem de piso não têm existência fora das páginas de *O Feiticeiro de Oz*, de L. Frank Baum, ou de uma das muitas adaptações e continuações que o livro publicado em 1900 mereceu, e talvez por isso não desiluda. Não há como confirmar se a estrada é realmente de ladrilhos amarelos, nem se no seu fim se encontra a Cidade das Esmeraldas, e muito menos se ao longo do seu percurso nos podemos deparar com todas as figuras, paisagens e situações que o criador de Oz imaginou para as suas



● Mapa Infinito de Alberto Manguel e Gianni Guadalupi

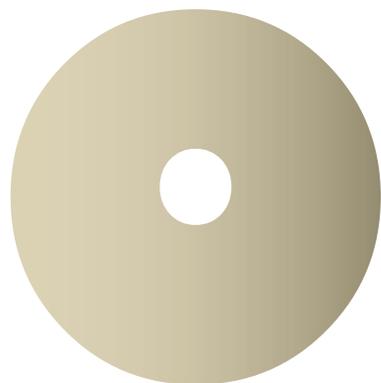
personagens. É uma estrada que existe naquele limbo dos mundos imaginados na literatura, aceites pelos leitores tal como são graças ao pacto estabelecido na leitura e, em alguns casos, transferidos para o imaginário coletivo como referências partilhadas até por quem não leu as obras onde surgiram. Foi esse limbo que Alberto Manguel e Gianni Guadalupi começaram a tentar ordenar em 1977, dando à estampa três anos depois a primeira edição deste *Dicionário dos Lugares Imaginários*, agora publicado pela Tinta da China em português e em edição revista e aumentada.

Incluir uma obra como esta na coleção de Literatura de Viagens que a Tinta da China tem vindo a publicar, com coordenação de Carlos Vaz Marques, pode parecer descabido aos mais crédulos na materialidade de uma viagem; afinal, os volumes anteriores resultam de idas pontuais ou de permanências mais ou menos duradouras nos lugares que servem de cenário ou de matéria para reflexão a cada livro. Mas de um certo modo, também os autores deste dicionário se deslocaram a cada um dos lugares aqui listados e se não o fizeram com o corpo todo, isso ter-se-á devido a uma impossibilidade da ordem da Física, e não a qualquer vontade de enganar os leitores. O *Dicionário dos Lugares Imaginários* reúne mais de um milhar de entradas dedicadas a espaços que nasceram em livros ou textos soltos, organizadas alfabeticamente como mandam as regras dicionarísticas e com descrições cuja extensão varia em função da matéria forne-

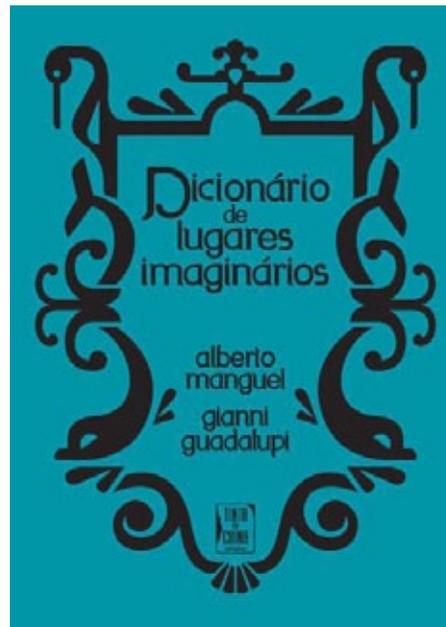


● Mapa Infinito de Alberto Manguel e Gianni Guadalupi

o Cemitério dos Livros Não Escritos, em Paris, o Monte Kunlun, na China, e uma infinidade de ilhas misteriosas e capazes de se esconderem na névoa das águas marítimas, muito frequentadas por candidatos a santos, loucos e heróis míticos entre a Antiguidade e a Idade Média. Também não faltam lugares populares como o El Dorado, a Terra Média ou a Terra do Nunca. Para fugir à ordem alfabética e à tentação de tornar regrado aquilo que só pode ser tentacular, há sempre a hipótese de navegar nestas páginas como São Brandão navegou nas águas gélidas do Atlântico, saltando entre lugares, procurando redes de referências bibliográficas, escolhendo as entradas que apresentam mapas (minuciosamente desenhados por Graham Greenfield, o cartógrafo dedicado de muitos dos lugares aqui registados) ou sucumbindo ao acaso, talvez a melhor forma de atravessar um território tão rico como o que os autores aqui compilaram.



Dicionário de Lugares Imaginários apresenta-se como uma obra em permanente construção, mas na verdade parece ser o trabalho infundável para o qual uma vida não chega. Gianni Guadalupi, falecido em 2007, não poderá continuar a acrescentar entradas a esta espécie de cosmogonia literária infinita, mas Alberto Manguel assumiu a tarefa, e não apenas como homenagem ao seu companheiro de trabalho, a cuja memória dedica o prefácio



que escreveu para a edição portuguesa. Também os leitores podem ser um contributo decisivo para esta obra contínua, enviando sugestões para o autor, como já se pedia na primeira edição: «Aproveitamos a oportunidade para pedir aos leitores que nos informem de qualquer lugar suscetível de nos ter escapado. Com essa ajuda, esperamos preparar um suplemento ou uma edição revista do livro que inclua omissões passadas e recém-chegados futuros,

transformando assim o leitor em autor, o viajante em cronista.» Em edições posteriores, os dois autores reconheceram os leitores como coautores deste livro, afirmando a sua convicção inabalável de que «nenhum dicionário está completo sem os seus leitores». Talvez daqui a muitas décadas haja outros habitantes de lugares que não podem figurar neste dicionário, por serem facilmente visitáveis assim que pomos o pé fora de casa, a dar seguimento ao gesto curioso e insaciável de Alberto Manguel e Gianni Guadalupi, mantendo o processo de registar os lugares pensados por autores vários como a missão universal e humanista que um livro como este acaba por ser.



infantil e juvenil
andrea brites

encontros

luso-galaico-

franceses

19^{os} encontros luso-galaico-franceses

Que são livros imprescindíveis?

Ninguém se atreveu a outorgar ou a universalizar. Porque a apaixonante reflexão dos estudos literários sobre o cânone é por demais polémica na sua complexidade. No entanto, não foi possível ou desejável contornar Harold Bloom e referir o sentido elitista, sexista e anglo-saxónico na descrição do seu cânone ocidental. Por outro lado, serviu-se Ana Margarida Ramos deste paradigma e das suas limitações para reiterar o carácter de rutura da trilogia de Maurice Sendak, que conseguiu ser reconhecido por Bloom, no seu tempo, a par de autores unanimemente aceites, todos eles mortos e com uma obra, por isso mesmo, imutável.

O tema surgiu, como explicou o presidente dos Encontros, o professor José António Gomes, como consequência natural do tema do ano passado, a educação literária. Cânone e clássico são dois conceitos, pelas suas características de legitimação e fixação, que provocam conflitos e obrigam à construção teórica de fronteiras e apagamentos. Então, a deslocação deste tema para a formação leitora, a leitura e a ideia de livro imprescindível mostrou-se mais consensual como ponto de partida. Permitiu igualmente que o rigor da investigação académica pudesse conviver de forma mais apaziguada com a subjetividade dos testemunhos de escritores, ilustradores e editores presentes.

Só um bocadinho de cânone

Nestes 19^{os} Encontros, o público voltou a ser maioritariamente estudante da Escola Superior de Educação do Porto, em cujo auditório se realizaram as comunicações e conversas ao longo dos dias 28 e 29 de novembro. Ali, entre apresentações de leituras académicas e conversas com profissionais da área editorial infantil e juvenil, os alunos puderam aceder a um palimpsesto de teses que contribuem para a problematização da leitura de literatura.

Se por um lado se confirmam autores incontornáveis como Beatrix Potter ou Maurice Sendak (nas comunicações de Sara Reis da Silva e Ana Margarida Ramos, respetivamente), por outro é a sua história exemplo suficiente para constatar a pluralidade da crítica e o peso da passagem do tempo nos processos de legitimação. Ao invés, um autor como Alfredo Guisado, ressaltou Ana Cristina Macedo, não mereceria estar totalmente apagado dos fundos das bibliotecas, ao invés de outros companheiros seus da geração de Orpheu, nomes maiores do cânone literário português, e por isso também acessíveis no que aos textos de receção infantil diz respeito.

A leitura escrutinadora de *Os Livros que Devoraram o meu Pai*, de Afonso Cruz, por Madalena Teixeira da Silva, deixou, intencionalmente, muitas pontas soltas, provando que a interpretação caminha sempre em direção ao infinito, que será por fim o abso-

***Uma característica
da literatura
infantil e juvenil
é ser para todas
as idades, o que
não acontece
com a literatura
institucionalizada,
ou para adultos.***

Blanca-Ana Roig Rechou, presidente da ANILLJ, professora e investigadora

19°s encontros luso-galaico-franceses

luto intangível da leitura. Tal exercício promoveu, como sempre acontece quando as pistas encaixam no puzzle da decifração e recriação, um desejo renovado de ler a obra, o que não é de somenos importância.

Nada há de mais estimulante para um futuro professor do que aceder à magia do diálogo íntimo com o texto e perceber que essa é uma competência que também lhe cabe adquirir. Ainda que, para todos os momentos de dúvida, haja uma imensidão de referências, estudos, críticas e análises disponíveis, que ajudam a caminhar.

Os autores

Noutra esfera, a do mundo autoral e editorial, a principal ideia a reter prende-se com a receção da leitura pelo seu público, especialmente o infantil. Sem margem para polémicas, os autores foram unânimes na defesa de que as crianças não leem como os adultos. A razão não se centra na insipiência das suas competências de leitura e sim numa outra forma de pensar.

Foi como resultado dessa observação que Rita Taborda Duarte começou a escrever, ao perceber que o que para o adulto não oferece qualquer estremeamento, arrumadas que estão regras de polissemia, sentido figurado ou homonímia provoca na criança uma verdadeira perplexidade. Esse questionamento transformou-se em narrativa, embora pouco, porque na opinião da escritora os seus textos acabam sempre por se afastar da intriga ou da ação.

A recuperação de personagens chave do seu universo formativo, como Alice ou o Príncipezinho, no seu primeiro livro infantil, *A Verdadeira História de Alice*, mais não fazem do que evidenciar essa necessidade de compreender a língua, de vencer ou pelo menos lutar contra a sua resistência. Os seus livros não são pensados para as crianças mas a partir das crianças, o que é completamente diferente. Talvez por isso, por resultarem desta observação, consigam albergar um discurso tão rico em intenção e estilo.

Chema Heras, por seu turno, explicou que começou a escrever por necessidade. Na Galiza, quando começou a dar aulas, não havia diversidade e qualidade de livros infantis em galego. Como resposta à urgência de novidades nas horas do conto, na aula, começou a inventá-las. Depois, o mesmo se passou com os filhos. As histórias eram uma resposta a um pedido, mas também uma forma de chegar às crianças.

São-no até hoje e não apenas em relação aos mais novos. Quando o escritor começou a contar a sua história mais emblemática, *Cando Martiño Tivo Ganas de Mexar na Noite de Reis*, toda a audiência ficou hipnotizada, seguindo-se uma audível frustração quando Chema Heras nos deixou a todos em suspenso.

Na Kalandraka, Olalla González, enquanto animadora da leitura, testa os textos junto do público infantil, filtrando assim aspetos que podem ser menos coerentes para a sua lógica leitora. Aliás, é prática comum da editora levar muitos dos seus projetos às salas de aula onde alguns dos seus colaboradores dão aulas para aceder à perspetiva das crianças.

**Esse mundo
(das crianças)
alimenta-me
ao mesmo
tempo que os
alimento.**

Marc Taeger, ilustrador

19ºs encontros luso-galaico-franceses

Não há, no entanto, nenhuma instrumentalização do livro. Pelo contrário, as experiências de receção servem sobretudo para afinar detalhes que podem ajudar a que outras faixas etárias também o possam ler, o mesmo acontecendo com crianças com necessidades educativas especiais.

Olalla partilhou um episódio que se passou com a primeira edição de *Chibos e Sabichões*, quando, depois de testado o texto, o livro foi lido ao público e se percebeu que funcionava muito bem com crianças entre os 6 e os 8 mas falhava com os mais novos, de 4, 5 anos.

Concluiu-se que o problema estava em algumas ilustrações, que eram apenas representações parcelares dos animais, o que perturbava a identificação das personagens por parte dos mais novos. Na segunda edição, a editora pediu ao ilustrador que as alterasse e a partir daí o livro é lido a crianças dos 3 aos 8 com sucesso.

Este episódio confirma o que Chema Heras e Marc Taeger afirmam em uníssono: que as crianças leem as imagens de outra forma também. O ilustrador acrescenta que por isso tenta dar-lhes algo mais para além do texto, algo que a imagem possa oferecer e que os desafie a imaginar mais e mais.

Ao conjugar as funções editoriais com as de promoção da leitura, Olalla acredita ser essencial ouvir as crianças. Porque elas estão ainda à procura dos seus gostos, dos seus espantos, dos seus desgostos. Precisam de orientação, mas sobretudo de estímulos e de diversidade.

As edições



Uma componente essencial destes encontros também tem sido a da divulgação de volumes de reflexão teórica sobre a LIJ, que escasseiam em Portugal, quer por via da academia nacional, quer por via de traduções em que as editoras portuguesas não apostam.

Para além de uma banca com álbuns, livros ilustrados e narrativas juvenis das melhores editoras, noutra podiam encontrar-se volumes sobre autores ou conceitos deste universo literário. A Tropelias & Companhia, que editará um volume sobre os encontros deste ano, e tem vindo a coligir livros teóricos de Sara Reis da Silva, Ana Margarida Ramos ou José António Gomes, partilhava o espaço com edições antigas da revista *Malasartes*, uma das referências mais importantes da última vintena de anos. Ao lado, dois projetos que resultam de grupos de investigação ibéricos e são financiados com verbas espanholas. Não é por isso de espantar que sejam as Xerais quem edita, desde 2004, um volume anual que resulta do trabalho de investigação e problematização da Rede Temática de Literatura Infantil e Juvenil do Marco Ibérico e Iberoamericano. O teatro, a narrativa juvenil (de que demos conta na *Blimunda* de outubro de 2012), o álbum, a rescrita da narração oral, ou a poesia são alguns deles. A preocupação do grupo quando escolhe o tema, como foi afirmado na apresentação das monografias por José António Gomes, é mostrar aos

Todos temos a expectativa e a convicção de que todos os novos autores com quem trabalhamos serão imprescindíveis.

Isabel Garcês, editora da Caminho

19ºs encontros luso-galaico-franceses

futuros investigadores as temáticas mais importantes que se devem trabalhar e que podem funcionar como eixos a partir dos quais se desenvolverão leituras e reflexões específicas.

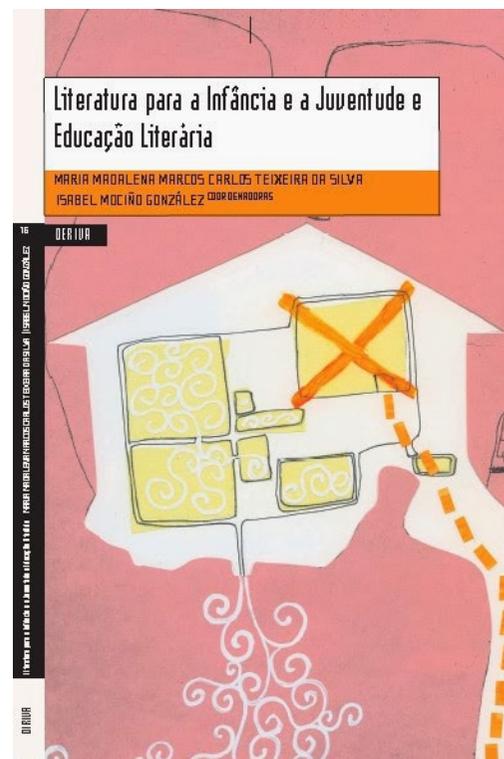
Outras publicações presentes resultam das Jornadas, também anuais, da ANILIJ (Asociación Nacional en Investigación de Literatura Infantil y Juvenil), na qual a academia portuguesa tem acento por via da ELOS (Associação Galego-Portuguesa de Investigação em Literatura Infantil e Juvenil). Por via de uma parceria com a Universidade do Minho, editaram-se até ao momento quatro volumes com ensaios que resultam de propostas submetidas às jornadas de cada ano, de acordo com a temática proposta no ano anterior, e que são avaliados por uma equipa académica. Estes volumes abordam a crítica e a investigação, a diversidade cultural, as identidades e a família e têm a particularidade de incluírem dois suportes: o livro em papel apresenta apenas o índice dos textos, que são compilados num cd que integra o próprio livro, diminuindo assim os custos de impressão. Ali se encontram muitas leituras, estudos e referências sobre a literatura infantil e juvenil do espaço iberoamericano, mas não só, constituindo obras a incluir numa biblioteca de estudos literários.

Contando já com 19 edições e várias fases, com mais ou menos apoio, estes Encontros já têm uma longa história, parte dela registada em livro. Enquanto se espera por tudo o que possam trazer os próximos, quando se assinalarem duas décadas, recomenda-se a leitura de *Literatura para a Infância e a Juventude e a Educação Literária*.

Aqui se refletem os Encontros do ano passado. O volume integra, para além das comunicações, entrevistas e outros artigos, por

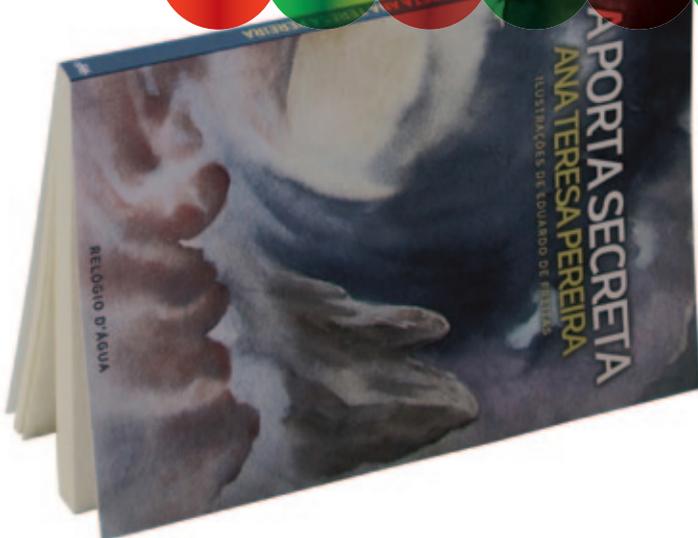
forma a valorizar o próprio tema e a publicação, este ano editada pela Deriva. Numa fase de implementação, no ensino, das metas de educação literária faz mais sentido do que nunca começar justamente por aí: o que é educação literária? E, ainda mais, como podemos ler melhor?

Até para o ano.





Há para o mercado editorial português dois momentos de importância superlativa: o Natal e a Feira do Livro. É por isso comum que grande parte das novidades se reparta entre outubro/ novembro e março/ abril. No último trimestre de 2013 as livrarias receberam muitos títulos infantojuvenis. A Blimunda selecionou dez.



A porta secreta

Ana Teresa Pereira

Relógio d'Água

Nunca é demais recordar a excelência discreta da coleção juvenil da Relógio d'Água. Ana Teresa Pereira, também autora de narrativas para adultos, regressa com mais uma novela para adolescentes. Não arriscando tanto quanto poderia ao nível das inferências, a autora joga com elementos confortáveis e facilmente reconhecíveis pelos leitores, como a dupla de irmãos ou o mistério da casa da quinta, para lhes acrescentar um sentido de quotidiano. Um aspeto raro e valioso é o da relação que descreve entre mãe e filhos, incluindo-a verdadeiramente no ideal de família dos adolescentes. O final feliz que a mãe encontra no final recebe assim a aprovação dos protagonistas e o conflito inicial – as dificuldades financeiras e o desequilíbrio afetivo provocado pela morte do pai – resolve-se a contento de todos. Este texto pode ser lido como uma novela sobre a felicidade, e de como ela se erige mais em marcas sensoriais de conforto, prazer e empatia, do que em grandes ambições ou aventuras.



365 Pinguins

Jean-Luc Fromental (texto), Joëlle Jolivet (ilustração)

Orfeu Negro

Como lidar com uma encomenda misteriosa que se repete diariamente, acompanhada de uma charada em verso? E se a encomenda, para além do espaço que ocupa, ainda tiver vontade própria, necessidade de se alimentar e problemas com o clima? Este é o enigma com que se depara uma família ao longo de um longo e cada vez mais exíguo ano. O humor é contagiante, quer pelas soluções que o texto apresenta, jogando com a lógica matemática, quer pela ocupação dos espaços das páginas que reproduzem a casa cada vez mais caótica daqueles quatro humanos que passam por todas as fases emocionais possíveis. O design e a ilustração entretêm-se com sucesso, passando uma imagem claustrofóbica, logo na capa, ao mesmo tempo que a dimensão superior do álbum exacerba a situação. Tudo contribui para uma simplicidade de processos, quer através dos diálogos, alguns dos quais em balão, ao jeito da banda desenhada, quer pela economia textual, assente em rimas, frases curtas e adivinhas numéricas. A opção por uma paleta reduzida de cores (preto, branco, azul, laranja e castanho) reforça igualmente esta composição que discretamente alberga, para além da família e dos pinguins, vários temas e abordagens que se cruzam: a matemática, a ecologia, mas também o próprio comportamento humano na sua complexidade.

montradelivros

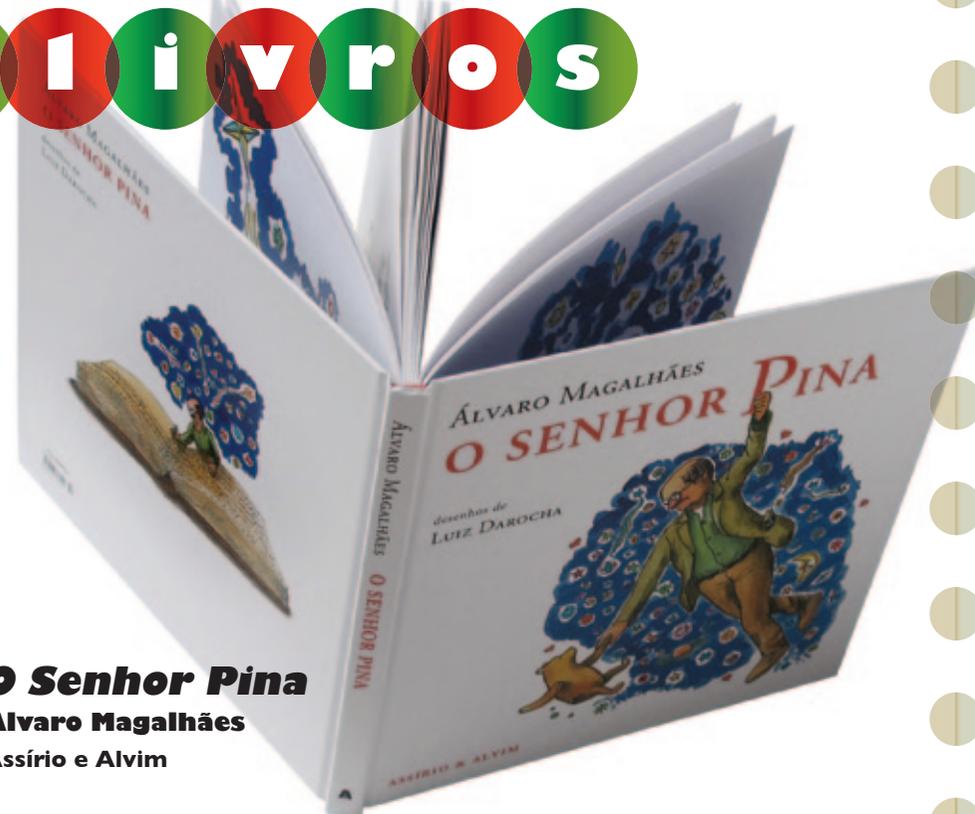


Boa Noite, Mocho!

Pat Hutchins

Kalandraka

Quem já viu *O Passeio de Dona Rosa*, não fica indiferente a este álbum para a primeira infância, quem não viu, aconselha-se que aproveite e leia os dois. Com o mesmo traço policromático e atento às texturas naturais, Pat Hutchins criou um pequeno ecossistema numa árvore e a partir dele estruturou uma narrativa aditiva e cumulativa com um final irónico de efeito humorado. Esta é a triste pena de um mocho que se prepara para dormir e nunca consegue, perturbado pelo barulho de todos os outros habitantes da árvore, durante o dia. A enumeração é detalhada, principalmente quando se sucedem vários tipos de aves, com os seus sons particulares, reproduzidos em onomatopeias. A ilustração escolhe a mesma perspetiva até ao desenlace, embora os animais não se encontrem sempre na mesma posição ou com a mesma expressão. No final, a lente que se afastara da árvore, apresentando-a na íntegra acompanhada de toda a lenga-lenga, aproxima-se novamente, para desvendar a vingança do guerreiro.



O Senhor Pina

Álvaro Magalhães

Assírio e Alvim

Esta narrativa promove um encontro insólito: um género e uma retórica que à partida não se cruzariam, reúnem-se em local apropriado. Poder-se-ia dizer até que melhor é impossível.

Álvaro Magalhães homenageia o escritor Manuel António Pina com esta biografia escrita à maneira de Pina. Sem tirar nem pôr. Usando a sua lógica linguística, o seu universo onírico, a sua lógica absurda e paradoxal, o texto chama e devolve o autor aos leitores, sem que Álvaro Magalhães tenha, por um momento só, a tentação de interferir. Por isso, para além de autor, eventual narrador, Pina é agora ainda mais personagem do que já era. O seu prezado bigode, o herói e amigo íntimo urso Puff, os atrasos, as crónicas para o jornal, a vida das palavras, a família, o futebol... A galeria principal de histórias e vida ali está, capítulo após capítulo, curto, familiar, surpreendente.

O final tem aquele toque de emoção, aquele momento de perda que se converte em memória, e que o autor se permite passar como valor. Sempre relativizando, mas sem nunca esquecer.

m o n t r a d e l i v r o s



Guarda como um segredo

Sandol Stoddard (texto), Ivan Chermayeff (ilustração)

Bruaá

Um hino ao nascimento, a uma vida que começa. Mas um hino pouco convencional, pouco harmónico e singelo, como aparentemente convém aos nascituros. Nesta declaração de amor, o primeiro momento é de inquietação, de questionamento. Como se estabelece a comunicação, a partilha, a entrega, a proteção, com alguém que não tem nenhuma referência, nenhum código, nenhuma memória? Como responder à ansiedade de dar a ver o mundo? E o mundo vai-se instalando no texto, fragmentado, na sua aleatoriedade distante da lógica. Estranho ao leitor, estranho a quem com ele se depara pela primeira vez? Ou talvez não. Afinal, o código das crianças está em muito igualmente vedado à incompreensão da comunicação. Ivan Chermayeff faz-lhes jus noutra álbum, *Um Nome para Um Cão*, e assim confirma uma coerência que segue além de um experimentalismo desprovido de emoção e respeito.

As ilustrações completam este estranhamento doce, nas suas formas pouco rígidas e nas manchas de cor vivas, sem medo do preto, tão avesso à maioria das paletas tradicionais dos livros para crianças.



Este Livro está a Chamar-te (Não Ouves?)

Isabel Minhós Martins (texto), Madalena Matoso (ilustração)

Planeta Tangerina

No segundo livro da coleção de Cantos Redondos, o desafio aumenta significativamente. Pelo menos para adultos, esquecidos de ouvir as vozes que se quer muito ouvir, de sentir a água fria do rio, ou a chuva a entranhar-se na roupa quando aumenta de intensidade... Tudo isto sente o adulto com jogos de palavras, até com belas representações ou figurações, mas com instruções e formas geométricas? Quando se apresenta este título, na página que sucede a guarda, diz-se que «Um livro é um lugar. Com dentro e fora, esquerda e direita, perto e longe, princípio e fim. Entramos por um portão: a capa. Atravessamos montes e vales: as páginas. Espreitamos o lado de lá: a página seguinte. Avançamos até à saída: a contracapa. (...)». Mas neste livro, quando o lemos, ressoam também, para além de todos os elementos materializáveis que nos desafiam a imaginar, outros tantos referentes que nos ajudam no caminho: *Pela Noite Escura*, de Bruno Munari, *Vamos à Caça do Urso*, de Michael Rosen e Helen Oxenbury, *O Balãozinho Vermelho*, de Iela Mari, ou *Um Livro*, de Hervé Tullet.

O que tem este livro de especial é o facto de cumprir o seu propósito, funcionar como um objeto interativo, sem deixar de fora uma ideia narrativa, um encontro, uma amizade e uma intertextualidade com os melhores.

montradelivros



O Mar dos Murmúrios

Tim Bowley

Presença

Não sendo propriamente o seu registo mais comum, esta novela juvenil segue um caminho previamente pisado. Tim Bowley recupera o tema da morte associado a um universo maravilhoso em que uma adolescente tenta responder aos mistérios que os mortos lhe apresentam. Numa ilha perdida cercada por mar e vento agreste, toda a narrativa se desenrola em condições atmosféricas violentas de chuva, vento e frio. As descrições destacam e voltam a destacar a resistência física e mental de uma comunidade abandonada à sua sorte, supersticiosa e sofrida, que sucessivamente experiencia a tragédia da morte no mar e pelo mar. O aparecimento de uma moribunda, que ali aporta quase como por milagre no meio de uma rigorosa tempestade dá finalmente um sentido à vida desta rapariga, que se procura, bem como aos pais desaparecidos, nos murmúrios e nas pedras que recolhe do mar. Tim Bowley joga muito bem com as palavras, criando um permanente efeito de mistério e oculto quase místico, em que a tradição tantas vezes se alicerça.



Assim, mas sem ser assim

Afonso Cruz

Caminho

Quem conhece outros livros do autor, nomeadamente *A Contradição Humana* (também de receção infantil) reconhece nesta sucessão de encontros uma lógica de exploração da comunicação nas suas ambiguidades polissémicas. Os valores e a interpretação do mundo fazem de cada discurso uma possibilidade subjetiva, apesar de parecer a única. Afonso Cruz questiona esses limites através do narrador, um menino que, a conselho do pai, decide estabelecer diálogos com vários vizinhos. Esta aparente condição de vazio que representa a inocência permite ao protagonista espantar-se e duvidar das palavras dos outros. Assim nasce um sentido poético que encaixa duplamente no livro: no universo infantil e livre do menino, e numa leitura mais ampla do mundo, que ultrapassa as fronteiras da comunicação, mote temático da narrativa. O final é surpreendente, pela forma como deriva de uma enumeração aberta, sensorial e metafórica para uma moral que irrompe como um muro no estômago.



Uma Escuridão Bonita

Ondjaki (texto),

António Jorge Gonçalves (ilustração)

Caminho

Neste livro delicado, a estética dos sentimentos exacerba um momento de enamoramento. Sem se afastar da condição orgânica de contador de histórias, Ondjaki equilibra uma poética de emoções com uma economia textual muito madura. A história é simples: numa varanda, um rapaz e uma rapariga seduzem-se em jogos doces de avanços e recuos, aproveitando a quebra na luz elétrica. A rapariga hesita, acaricia a mão do rapaz, dá e tira, enquanto lhe pede a história do nome da avó Dezanove. A história é avassaladora. E falsa. O autor recupera uma personagem de outro livro, e assim se implica como narrador, e assim recupera essa ideia das fronteiras entre a realidade e a verdade.

A noite também é perfeita para isso. O que esconde permite descobrir outras imagens, como a do cinema na parede, um êxtase tão grande quanto efêmero.

António Jorge Gonçalves reproduz a escuridão bonita nas páginas inteiramente negras, com manchas e formas difusas brancas que sugerem o que se passa, a cada momento. Tudo é espanto naquele tempo de outra dimensão, tão intenso, simultaneamente tão curto e tão longo. Uma obra sem idade.



O Rapaz dos Sapatos Prateados

Álvaro Magalhães

Asa

É inevitável que, após a leitura de umas primeiras breves linhas, não nos venha à memória Mathilda, a incómoda criança que Roal Dahl inventou e muito perturbou o mundo clarividente dos adultos. Ou seja, a história promete. Hugo é um rapaz de nove anos que considera grande parte das pessoas pouco inteligentes e fundamenta a sua convicção com exemplos paradigmáticos: os pais, por exemplo, têm medo da poesia e das metáforas, não as compreendem, desprezam-nas. A professora não acredita que as suas ideias são originais. Os outros rapazes da sua idade ambicionam crescer depressa e gostam de canivetes suíços. Hugo discerne sobre o tempo da infância, a inocência e o amor, como o sente.

Álvaro Magalhães tem um dom camaleónico de vestir vários estilos e géneros com naturalidade, e usa-o a bem da literatura infantil e juvenil. Nesta narrativa, o protagonista e narrador denuncia as inconsistências de comportamentos e verdades de quem o rodeia. Ao contexto de lucidez pragmática, crítica e sarcástica, acrescenta-lhe uma condição poética que pratica observando o mundo com aquela alma que não consegue explicar. Porque a poesia não é apenas melancolia, este diário faz dela uma presença partilhada com comentários e uma pseudo-aventura policial.

Junceda Ibèria para André Letria

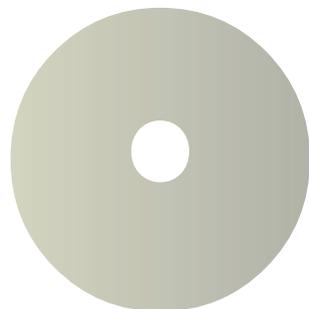
André Letria venceu, pelo segundo ano consecutivo, o Prémio Junceda Ibèria. As ilustrações de *Mar* mereceram destaque relativamente às dos outros livros finalistas, *Viajes y Otros Apuntes*, de Júlio António Blasco e *Prisioneros de Zenda*, com ilustrações de Javier Olivares Conde. Os três livros são bastante diferentes, e só o terceiro é narrativo; *Viajes y Otros Apuntes*, da recém criada Simientes Editores é um livro de artista e *Mar* um Atividário. Os Prémios Junceda são atribuídos anualmente pela APIC, Associação Profissional de Ilustradores da Catalunha, e incluem várias categorias, sendo que só a Ibèria se estende à ilustração portuguesa.

Mar - Atividário é um livro de carácter informativo e interativo, constituído por entradas lexicais que seguem a ordem alfabética e se centram na temática marítima. Os textos de Ricardo Henriques apelam ao leitor e cruzam definições universais com curiosidades e particularidades da cultura portuguesa. A espaços, leem-se interpelações, fazem-se comentários e propõem-se desafios. O azul forte da capa reaparece nas figuras e no fundo das páginas duplas com instruções para reproduzir mecanismos, criar objetos e fazer experiências científicas, que funcionam como *intermezzo* do dicionário.

Volume, dimensão e narrativa são alguns dos elementos essenciais à ilustração de todo o álbum, que o design do ilustrador enquadra no todo que é este objeto livro e que nasce também na editora Pato Lógico, criada por si.



Onde vivem os monstros comemora meio século



primeiro livro da trilogia que abalou o mundo dos livros ilustrados fez cinquenta anos no passado dia 23 de novembro. *Where the wild things are* foi comemorado um pouco por toda a parte, em bibliotecas, museus, periódicos... Não é tarefa fácil conseguir-se que um livro infantil tenha tamanha longevidade e reúna consensos progressivos acerca da sua condição canónica. Com

esta obra Maurice Sendak destruiu uma visão que se tinha comumente sobre a criança e que se usava no discurso literário de receção infantil. À idealização e imposição de valores morais familiares e sociais, Sendak contrapôs um imaginário de angústias, evasão e liberdade pelo sonho e o desafio. Igualmente, abriu as portas à discussão teórica sobre o livro de texto e ilustração, havendo quem considere que este foi o primeiro *picture book*, pensado como tal.

Entre diversas comemorações, ficam artigos em jornais como o *Washington Post*, listas de livros incontornáveis em blogues e sites, com o álbum em primeiro lugar, a recuperação de entrevistas e exposições... Merece especial destaque a edição comemorativa da Harper Colins (que aproxima digitalmente as ilustrações impressas das originais) e a exposição patente no The Rosenbach Museum & Library. Para quem não possa estar fisicamente em Filadélfia, há sempre a hipótese de aceder à página do Museu e observar, virtualmente, manuscritos, esboços, ilustrações e notas sobre esta obra magistral.

Monstros ►



4º Catálogo Iberoamericano de Ilustração

Como acontece desde a sua criação, em 2010, o 4.º catálogo Iberoamericano de Ilustração Infantil e Juvenil foi apresentado no início do mês na Feira Internacional do Livro de Guadalajara, no México. Ficaram então a conhecer-se as escolhas do júri, não apenas no que respeita aos 45 ilustradores selecionados, como ao vencedor e às menções honrosas. O mexicano Juan Palomino mereceu a principal distinção, tendo o júri destacado a coerência da sua estética. Houve ainda lugar a cinco menções, para as chilenas Alejandra Acosta e Marina Cocq, para o espanhol Joan Negrescolor, a argentina Maria Luque e o mexicano Berardo Suzán.

O catálogo está disponível numa plataforma digital e os seus originais estarão em exposição na próxima feira de Guadalajara, como acontece este ano com os trabalhos do 3.º catálogo, um pouco por toda a cidade. A intenção dos organizadores (a Fundação SM; a Associação Ilustradero e a própria FIL) é a de promover a ilustração para livros infantis e juvenis, dando visibilidade aos seus autores no espaço Iberoamericano, por um lado, e levando-os a públicos que estão menos atentos para estas manifestações artísticas. Apesar de apenas estarem representados nomes de sete países, de entre os dezoito a concurso, as técnicas, os estilos e as temáticas apresentam grande diversidade.

Catálogo ►

Juan Palomino



Nelson Mandela, para memória futura

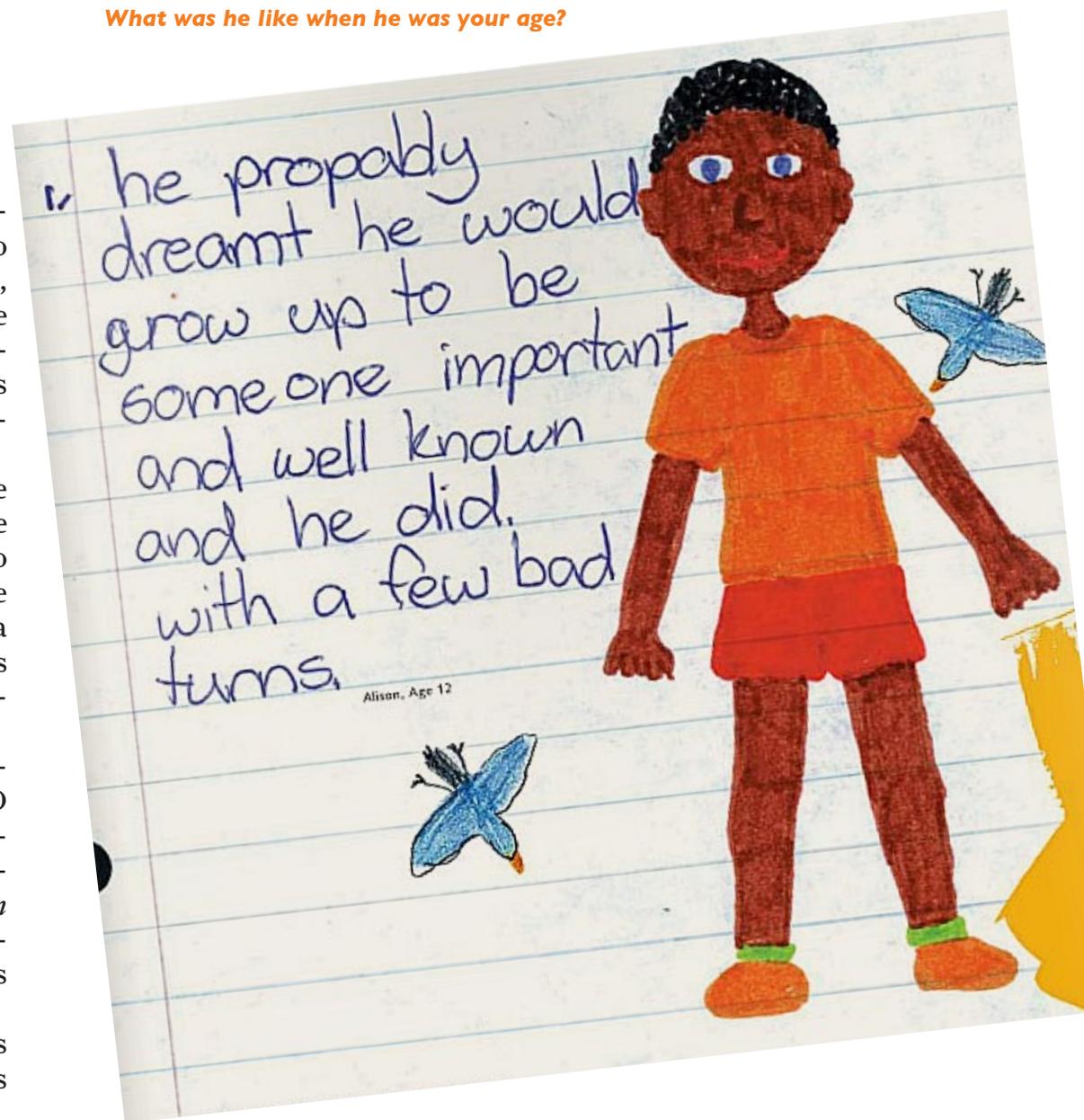
Que animal de estimação darias a Nelson Mandela? Que conselho lhe davas para melhorar o país? O que faz Nelson Mandela perder o sono, à noite? Se o visses do outro lado da rua, o que farias?» Estas são apenas algumas das 25 perguntas colocadas a cerca de 40000 crianças sul-africanas, cujas respostas mais interessantes foram coligidas em livro.

The Children's Mandela foi pensado pela publicitária Tyne Doyle depois de regressar à África do Sul, no âmbito de uma campanha de publicidade. Tendo a visita coincido com o octogésimo aniversário do então Presidente, a autora idealizou no momento a estrutura deste livro cujo objetivo era fixar uma homenagem, pelas crianças, a uma figura que lhes era tão cara. O álbum, que inclui desenhos e respostas às perguntas foi lançado em 2010, pela Future By Design, representando a voz de crianças de diversas etnias e línguas.

Este é apenas um dos muitos livros sobre Nelson Mandela, embora especial pelo seu sentido simbólico, de memória e de futuro. O próprio Mandela organizara em 2002 uma antologia de contos tradicionais africanos, agindo pela preservação da memória e, sobretudo, da identidade, respeitando os grandes valores humanos. *Nelson Mandela's Favorite Folktales* reúne trinta e dois contos e fábulas ilustradas, destinadas quer a crianças quer a adultos. Juntando hoje os dois volumes, o diálogo parece fluir.

Nos próximos tempos é possível que ainda assistamos a muitas novidades relacionadas com Mandela. Pensá-las também para os mais novos presta um serviço público.

What was he like when he was your age?



**AQUELES QUE SE GUIAM PELA HONESTIDADE,
INTEGRIDADE E CONSISTÊNCIA
NÃO TÊM POR QUE TEMER AS FORÇAS
DA INUMANIDADE E DA CRUELDADE.**

Nelson Mandela By Himself: The Authorised Book of Quotations

mundano

judicial

Prémio Rainha Sofia
de Poesia Ibero-Americana

n u n o j ú d i c e



Começo por exprimir o meu agradecimento ao Património Nacional e à Universidade de Salamanca por terem criado este prémio, sob o alto patrocínio de Sua Majestade a Rainha Sofia, que celebra em cada ano a universalidade da poesia ibero-americana nela incluindo a poesia em língua portuguesa. Agradeço ao júri que me escolheu, este ano, e através de mim quis recompensar uma tradição poética que se mantém viva

Texto lido na cerimónia de entrega do Prémio Reina Sofia de Poesia Ibero-Americana no Palácio Real de Madrid em 27 de Novembro de 2013.

desde a origem da nossa língua, e de que poderei distinguir o rei D. Dinis, na Idade Média, Camões no século XVI e Fernando Pessoa, no século XX. São os maiores de entre muitos outros, e foi com a leitura da sua poesia que descobri o meu caminho, e pude encontrar um espaço em que a voz desse passado continua a ecoar. Diz-se que a poesia é um dos pontos maiores do património cultural português, e é verdade que nos tempos difíceis da nossa História, e muitos foram, e ainda são neste tempo de crise, a voz dos poetas reflectiu a dor e a esperança colectivas, e abriu sempre um horizonte luminoso através da beleza que nos seus versos encontrou uma expressão em que se reflecte a nossa identidade mais profunda.

Sinto-me feliz por suceder a poetas de quem fui e sou amigo, e nalguns casos também tradutor, como é o caso de Alvaro Mutis em cuja poesia encontro o interesse pela História comum da Península Ibérica, e por protagonistas como D. Sebastião e Filipe II; mas devo uma palavra especial para com os dois poetas de língua portuguesa que me antecederam neste prémio: João Cabral de Melo

A PERVERSÃO DE NARCISO

Decidira que o amor fazia parte da vida, ao contrário do que outrora pensara. Olhava para o espelho e recusava o que via, correndo para a rua em busca de outros rostos mais belos: os da jovem que passou à sua frente e o olhou de relance, inquieta ao adivinhar o seu desejo; ou o dessa que alisava os cabelos com as mãos, como se estivesse a acariciar-se, e os seus olhos perdiam-se na fronteira de um sonho acordado. Queria dizer-lhes que as amava, e que deixara para trás de si a sua imagem, e a obsessão de se ver outro para se possuir até à última esfera da loucura. E elas olhavam-no, pedindo-lhe que se aproximasse. Mas ele continuava parado como se nem sequer as visse. Então, cansadas de esperar, partiam, deixando-o entregue à solidão, e ao inútil desejo de si próprio.

Inédito

LA PERVERSIÓN DE NARCISO

Había decidido que el amor es parte de la vida, al contrario de lo que antaño pensaba. Miraba el espejo y rechazaba lo que veía, saliendo a la calle en búsqueda de otros rostros más bellos: los de la joven que pasó por delante mirándolo apenas, inquieta por adivinar su deseo; o el de aquella otra que alisaba el pelo con las manos, como si estuviera acariciándose, y sus ojos se perdían en la frontera de un sueño despierto. Quería decirles que las amaba, y que había dejado atrás su imagen, y la obsesión de verse otro para poseerse hasta la última esfera de la locura. Y ellas lo miraban, pidiéndole que se acercara. Pero él seguía parado como si ni tan siquiera las viese. Entonces, cansadas de esperar, partían, dejándolo entregado a la soledad, y al inútil deseo de sí mismo.

Inédito

Neto e Sophia de Mello Breyner Andresen. Foi Sophia, que me distinguiu com a sua amizade, quem me chamou a atenção para a exactidão da palavra em João Cabral, e nele encontrei essa limpidez que já conhecera, na minha adolescência, ao ler Garcia Lorca. E foi também com Sophia que aprendi a necessidade de enunciar a palavra com todas as suas sílabas, não perdendo um som e tendo em atenção o rigor de um dizer que tem de passar pela leitura em voz alta para que ao ouvir o poema se apreenda a música de uma língua e a riqueza de todas as suas sonoridades.

Mas se a procura da música das palavras pertence ao princípio técnico da fabricação do poema, ele tem de ser mais do que isso. O poema tem de dizer alguma coisa ao leitor, e comunicar-lhe uma chave para que ele possa encontrar a saída para a inquietação e a angústia do presente, ou constituir uma revelação de algo que nos transcende e nos permita sentir de uma forma mais essencial e completa aquilo que vivemos. Antonio Machado e São João da Cruz, no vértice de cada uma destas orientações, fizeram parte dos meus Mestres; mas talvez tenha aprendido o imaginário poético como princípio do sonho com um dos primeiros livros que me fascinou, na infância: uma versão adaptada para crianças do «Dom Quixote» que minha avó paterna me oferecera pouco antes de morrer, quando eu teria oito ou nove anos. O que esse livro me ensinou foi a ver a dupla imagem que todas as coisas do mundo podem ter, e que o olhar de Quixote ia transformando na sua viagem em busca de Dulcineia, imaginando-se cavaleiro do Graal na companhia de um prosaico Sancho Pança que o tentava trazer de volta para a realidade.

EL CRISTO DIVIDIDO



Devastación de sílabas se acabó de imprimir en Salamanca a las 19:42 (hora del Tiempo Universal Coordinado) del día 4 de octubre de 2013, 56 años después de que la URSS lanzara el *Sputnik 1*, primera esfera metálica en sumar setenta millones de kilómetros en órbitas solitarias.

otónal

[131]

n u n o j ú d i c e

E se o poeta tem a capacidade de converter o real em sonho, ele também terá de ter dentro de si a consciência de que o seu lugar é na Cidade, cumprindo a missão de descobrir, na sua viagem pela terra, a passagem para outros mundos em que o efêmero se perpetua e o banal se sublima. Só a literatura tem o poder de operar essa transmutação da noite em dia, da morte em amor; e só a poesia nos eleva a essa dimensão em que uma outra vida, a que um amigo já desaparecido, Al Berto, chamou «a vida secreta das imagens», adquire o poder que nos liberta e salva dos obstáculos do quotidiano.

Para concluir, o que guiou o meu percurso poético foi a procura de transmitir o belo através das coisas mais simples de que fiz a matéria do poema. Quem escreve, e sobretudo quem escreve poesia, pode pensar por vezes que o seu trabalho não é entendido, ou que poucos acedem ao seu universo. Mas uma o que devo agradecer a este prémio foi a emoção que senti, depois de ter sido divulgada a notícia, com as muitas mensagens que recebi e com as pessoas que vinham ter comigo, na rua, para me felicitarem e exprimirem a alegria que tinham sentido por o prémio ter sido atribuído a um poeta de Portugal. Foi isto num momento particularmente difícil da nossa história recente; e essa notícia contribuiu para aumentar a confiança no valor da nossa cultura, e entendi-o como a realização do mais nobre desígnio do poeta: a partilha do que sente e do que vê com quem lê a sua poesia e descobre, através dela, uma parte de si. É também a eles, os leitores e leitoras de poesia, e da minha poesia, que dedico este momento.

estocolmo

1908

argentina

Retratos de Estocolmo

O frio e a neve eram os mesmos de sempre de um inverno em Estocolmo, mas havia algo distinto na capital sueca. Pelas ruas falava-se um idioma nada habitual por aqueles lados, e a gente que se comunicava na estranha língua carregava consigo uma felicidade quase palpável. Era dezembro de 1998, José Saramago ia receber a medalha do Prémio Nobel de Literatura e Estocolmo era uma extensão de Portugal.

Na cerimónia de consagração ao primeiro (e até agora único) escritor de língua portuguesa estiveram presentes muitos dos seus amigos das letras, familiares, além de representantes políticos e jornalistas.

Passados 15 anos, a *Blimunda* pediu a pessoas próximas a Saramago um testemunho sobre os dias inesquecíveis de Estocolmo.

«Que recordações guarda daquele 10 de dezembro de 1998», foi a pergunta feita a todos. As respostas, que a seguir se apresentam, dão uma pequena ideia do que ali se viveu. Os relatos carregados de emoção, saudade e alegria, são acompanhados de fotos íntimas, que ajudarão a contar e recontar esses momentos.

Alexandra Lucas Coelho

É a minha única memória nórdica. Paisagem branca, infantil, com bonecos de neve e bonecos para comer, nas lojas. José Saramago e Pilar del Río passeados de limusine (ou era só uma grande carrinha, em que vários de nós, repórteres, se foram sentando lá dentro?). É a imagem mais feliz que tenho deles, de entre os anos em que me cruzei com Saramago e Pilar, dias brancos e infantis. O discurso Nobel, depois as manifestações de refugiados à porta do Palácio na noite da entrega. Em Portugal, tudo parecia levantar. Foi no milénio passado.



Ana Maria Magalhães

10 de dezembro de 1998? Lembro-me de tudo, em pormenor, minuto a minuto e com tal nitidez que por vezes dói. Creio que um dia hei-de escrever sobre o assunto, mas ainda não sou capaz. Por agora, limito-me às primeiras horas da manhã, quando me levantei e fui à janela. A cidade dormia, linda, silenciosa, coberta de neve. O teto de nuvens baixas e compactas apresentava um rasgão em tons de rosa tão improváveis como estar eu ali, num hotel de Estocolmo, a iniciar a contagem regressiva para assistir ao momento solene em que o Prémio Nobel de Literatura seria entregue a um escritor português. Ao José Saramago. Um amigo. Acreditem ou não, chego a duvidar. Terá sido verdade, ou apenas um sonho?



Ana Matos

Recuar a 1998 representa, para mim, um tempo que está para além dos quinze anos que marcam esta efeméride. À época, celebrava a entrega do primeiro Nobel de Literatura a José Saramago. Celebrava-o como portuguesa, leitora e neta, com o corpo todo repleto de orgulho que, cria eu, teria atingido a sua plenitude nesse extraordinário 8 de Outubro. Desse dia até à ida para Estocolmo, passaram-se semanas de azáfama para os preparativos da cerimónia. Sucedem-se telefonemas, marcações de viagens e hotéis, envios de protocolo da Real Academia Sueca, acertos nos vestidos e, de salientar, nas cores dos mesmos: nem branco, nem preto, nem ambos, destinados que estão às damas de honor de Sua Alteza Real. Todo um sonho que se inicia nesse Outono inesquecível para todos nós, aquando da abertura da «Porta» que anuncia os Prémios Nobel.

Chegados a Estocolmo, o sonho continua com as visitas pela cidade repleta de neve, o salão do Banquete Nobel, as pequenas celebrações entre amigos e desconhecidos, o frenesim mediático com jornalistas do mundo inteiro, a euforia que se sentia nos corredores e nos átrios do hotel onde estavam os ilustres distinguidos desse ano. Chega o dia 10 de Dezembro. Acertam-se os



últimos detalhes das indumentárias e adereços, combinam-se horas e locais, relembremos, como alunos à espera de um exame, os detalhes de etiqueta que a cerimônia que se avizinha impunha. Chegam os carros, passam as senhoras com os vestidos compridos e os senhores de fraque, numa passadeira que parece levar-nos ao cimo de um monte. Bem poderia ser a Montanha Branca tão inalcançável para a maioria e tão cercana para muito poucos. Porém, a surpresa dessa chegada estava-nos destinada, ainda que sem o nosso conhecimento, mal o caminho havia sido traçado.

Começa a cerimônia no salão. Numa sintonia e bailado perfeitos, os imensos voluntários que se juntam a esta festa descem com as bandejas e colocam-se cada um em seu sítio, tal como os convidados de cada laureado que em seu sítio também estão. Há conversas, sorrisos, música, brindes. De repente, a palavra «Majestades». Assim mesmo, em português. É esse o instante mágico que me fez vibrar as artérias, pulsando a mil o coração. Naquela sala imensa, com milhares de convidados, fala-se em português, e no topo da escadaria estava o meu avô: José de Sousa Saramago, Nobel da Literatura de 1998. O sonho, até então feito de fantasia, por agora feito de realidade. Pode parecer um paradoxo, mas, hoje mais do que então, não acredito



que o seja: de um nasce o outro, e deste outro alimenta-se o primeiro. Naquele momento, com essa capacidade de mobilização e espírito de missão que tinha, José Saramago concentra o seu discurso na celebração dos 50 Anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Fala-nos de responsabilidade cívica, dos nossos deveres enquanto cidadãos, de desigualdades e injustiças que, infelizmente, e tal como então, persistem neste mundo que é o nosso e que, a cada dia, escolhemos construir. Recordá-nos que é preciso recuperar «a palavra e a iniciativa», resistir, lutar por uma afirmação absoluta dessa Declaração, que todos ensejamos seja Universal. Como também recordou José Saramago, no seu discurso pronunciado na Real Academia Sueca, dizia-lhe a minha trisavó nas terras da Azinhaga: «Não faças caso, em sonhos não há firmeza». Por vezes, raras é certo, num sonho consistente, há firmeza quando há coragem, compromisso e determinação. Hoje, quinze anos passados, além de portuguesa, leitora e neta, sou cidadã. Essa é a melhor e maior memória que guardo desse sonho feito da realidade.

Baptista-Bastos

Um dia diferente

Descia a Avenida da Liberdade, ouvia a rádio do carro, dirigia-me ao meu destino certo. O dia estava claro e nítido, a rotina das coisas e das horas. Nada mais. Foi quando a rádio noticiou: «José Saramago foi o vencedor do Prémio Nobel de Literatura.» Travei o carro e estacionei-o. A princípio, foi o atordoamento da notícia; depois, a emoção a crescer num júbilo como veios a correr. A seguir, talvez, não sei bem, o pensamento a desfilhar por memórias antigas, com o meu amigo a sorrir, um homem a quem invejavam a própria mulher; um escritor com a moral proletária do trabalho, debruçado na máquina das palavras, a ganhar a vida e a não deixar que o cerco da calúnia e do ressentimento se fechasse em torno dele. Um dia destes hei-de escrever das invejas e das calúnias de que este homem cordial, generoso, corajoso e bom era objecto. Agora, é só para dizer que o dia de que falo era nítido, claro, e resguardado para mim e para a minha amizade para com o Zé. E acrescentar que, entre nós, nunca houve um adeus.



Carlos Reis

O dia em que o Nobel falou português

Não cabe num pequeno depoimento a grande lembrança de quem esteve em Estocolmo, a 10 de Dezembro de 1998, dia da entrega do Prémio Nobel da Literatura a José Saramago. Nem pode um tal depoimento ser competentemente formulado por quem, como eu, viveu esse dia, os que o antecederam e os que se lhe seguiram, com a emoção muito mais do que com a razão.

De repente, pela voz de quem foi neto de Josefa e de Jerónimo, o Nobel falou português. Nessa noite fria de Estocolmo, José Saramago recebeu a mais alta distinção literária que um escritor, um país e um idioma podem ambicionar. Fê-lo com a simplicidade orgulhosa de quem não nascera para aquilo - como então várias vezes disse. Mas nasceu. Porque além e aquém de todas as distinções, a atitude de José Saramago, dando voz portuguesa ao Prémio Nobel da Literatura, foi a de um senhor das Letras, crente no poder da palavra e na responsabilidade que ela tem de despertar os homens e as nações para a necessidade de sermos mais humanos e mais solidários.

Muitos anos podem ainda ser consumidos pela voracidade do tempo. Esse dia em que o Nobel falou português não se apagará da nossa memória. Dos que puderam estar lá e de quantos, não estando fisicamente, foram cúmplices dessa hora.

Eduardo Lourenço

Até ao dia memorável da entrega do Prémio Nobel a José Saramago, Estocolmo era para mim, e já era muito, uma imagem. Foi em «Geografia do Meu País»: Ainda não sabia ler mas impressionou-me a fotografia de uma cidade que não era cidade mas sim arquipélago. Não imaginava que um dia Estocolmo seria a capital onírica do nosso país, tão real e fantástica como o melhor cenário. Ainda não conhecia Veneza mas Estocolmo passou a ser a minha Veneza, a da minha mulher e a de tantos portugueses que acompanhámos José como pagens de um romance de cavalaria não divino e sim humano. Esse foi também o significado do texto de José Saramago, aquele em que resumia a história de um homem - e de um povo do Planeta Sul - que em Estocolmo viveu os momentos mais inolvidáveis da sua vida.



João Francisco Vilhena

«Nunca me imaginei assim tão grande, obrigado» abraçamo-nos, José e eu, o escritor e o fotógrafo, dois amigos recentes, felizes; eu por ele, ele por mim. Guardei estas palavras até hoje, quando regresssei a Lanzarote e percorri o caminho até à cratera de El Cuervo, sentei-me na sua pedra e vi-o outra vez, grande, do tamanho do vulcão. Grande, como só ele sabia ser.



José Manuel dos Santos

Nesses dias daquele dezembro

Já contei aqueles dias, mas gosto de os voltar a contar. Ao contá-los, encontro-me outra vez comigo a vivê-los e encontro aqueles que os viveram comigo. Mais: quando os conto de novo, as palavras levam-me a sítios onde já não me lembrava de ter ido, fazem-me olhar rostos que já me esquecera de ter olhado, devolvem-me emoções que já haviam deixado de ser minhas. É como num filme. Sempre que o vemos outra vez, recuperamos os fotogramas do nosso esquecimento e detectamos as imagens da nossa desatenção.

Estocolmo é uma cidade atravessada por um fulgor frio. Há nela um refinamento rápido, que toca o que vemos. Eu cheguei com o Presidente Jorge Sampaio para a cerimónia de entrega do Prémio Nobel a José Saramago. Ficámos no Grande Hotel de Estocolmo, onde, desde sempre, se hospedam os laureados. Nos tempos em que eu era um adolescente de outros tempos, li O Prémio, de Irving Wallace (mais tarde, vi o filme, com Paul Newman). Justamente, o autor nunca recebeu o Prémio que lhe serviu de título e este livro também não o ajudava a isso. Mas



corre por entre as suas linhas uma magia negra que faz aqueles que o lêem sonharem que podem um dia ganhar o que o seu autor não ganhou. As páginas voltam-se com rapidez ligeira - e nelas o Grande Hotel é um dos lugares onde os acontecimentos se passam. Por isso, quando lá entrei, era como se já lá tivesse entrado.

Chegámos e todos os minutos passaram a ser contados. Houve encontros, visitas, recepções, jantares diplomáticos. Saramago proferira a sua «Nobel Lecture». Esse texto começa: «O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever.» Um dia mais tarde, em conversa com Sophia de Mello Breyner, ouvi-a dizer que esse é, na sua força confessional, um dos textos mais belos e veementes do seu autor.

Agora, na tarde que já começa a ser noite, é a hora de irmos para a Cerimónia Solene de Entrega do Prémio, no Concert Hall. Os carros esperam por nós. No átrio do Hotel, de casaca e condecorações, Saramago pede-me para o certificar de que, nas suas vestes e insígnias, tudo está como deve estar. Eu concedo-lhe o «imprimatur» e ele, sorrindo, murmura-me: «Ai se a minha avó Josefa me visse nesta figura...»

Entramos no teatro. Tudo se organiza numa ordem elegante, metódica, minuciosa. A cerimónia é lenta, cadenciada, ritual.



Há uma liturgia de sagração. A solenidade serena dos gestos acompanha a luz clara dos olhares. Então, o cortejo entra no palco. À direita de quem olha da plateia, o rei Carlos Gustavo, a rainha Sílvia, a princesa Lilian ali estão com a missão de ali estarem. À esquerda, os premiados do ano olham-se como se fossem espelhos uns dos outros. Atrás, estão as filas de acadêmicos de uma Academia cuja maior importância é dar aquele importante prêmio a quem é importante e, por o receber, ainda se torna mais importante.

No grande tapete azul do chão, um N grande e branco, dentro de um círculo, marca o encontro dos passos que vão ser dados naquele palco. Do meu lugar, olho Saramago. No seu rosto grave, o tempo parou, imobilizado pelo desejo de dar eternidade àquele momento. Depois da saudação de um acadêmico num português nórdico, aquele que criou Baltasar e Blimunda caminha para o N onde se encontra com o rei que, avançando do seu lugar e com um sorriso neutro e profissional, lhe entrega as insígnias do Prêmio Nobel (medalha e diploma). As palmas soam. Entre todas as da sala, distinguem-se as palmas portuguesas: mais fortes, mais festivas, mais felizes, mais longas. Olho Pilar: os seus brincos longos faíscam e o seu vestido diáfano (deixem-me usar esta



palavra antiga) parece de baile. Não admira: mesmo parada, ela dança...

A seguir, vamos para o jantar no City Hall. Estamos num castelo, cenário de filme passado na Idade Média. Há escadarias, balaustradas, varandins, fardas, trombetas, estandartes, brasões, baixelas, cristais, comidas. Enquanto os reis não chegam, conversamos com o Nobel da Economia, Amartya Sen.

Carlos Gustavo e Sílvia surgem e sentam-se: o jantar vai começar. Dos seus lugares, todos olham a mesa dos monarcas e dos laureados, onde tudo parece ser a ficção de si-mesmo. Há, na grande nave, um som leve e lento de falas e talheres. Sucedem-se os pratos e as conversas. Agora, é chegado o momento do brinde. José Saramago faz um pequeno discurso, agradece aos que lhe deram o que tem, evoca os escritores portugueses e de língua portuguesa («os do passado e os de agora»), reclama um mundo mais humano («Chega-se mais facilmente a Marte neste tempo do que ao nosso próprio semelhante. Alguém não anda a cumprir o seu dever»). Observo Pilar: o seu porte é tão real como o da rainha. Quando as palmas se extinguem, queremos que elas continuem.

Ergue-se o último brilho e o banquete termina. Levantamo-nos. O meu olhar cruza-se com o olhar de Saramago na almofada



ortopédica que a Rainha Sílvia, por sofrer de um mal de costas, manda uma dama de companhia pôr nas cadeiras onde se senta. O escritor sorri com o sorriso de quem apanha a nudez da vida debaixo das vestes da sua encenação ritual.

Nesses dias daquele Dezembro de 1998, estavam muitos portugueses em Estocolmo. O primeiro Prémio Nobel da Literatura de língua portuguesa convidara a lá estarem com ele todos os que faziam parte da sua vida. Encontrávamo-nos nas praças, nas ruas, nos museus, nas lojas, nos restaurantes. Havia como que uma leveza no nosso andar, uma vontade de não pôr os pés na terra. Só Saramago tinha os pés na terra da sua vida e da sua obra. Era por isso que nos aparecia tão natural na sua glória. Digo melhor, se disser: era por isso que aquela glória parecia ter sido sempre dele.



José Manuel Mendes

Estocolmo foi vertigem e perdurabilidade. Foi, é. Luz de um momento-prodígio nas nossas vidas. Na História do país, não apenas a cultural. De algum modo, ser-me-á ainda vedado recordar o que nela enuncia prelúdios, sequências, pórticos cronológicos: nada adquiriu a hera do pretérito, com os dedos toco agora cada frémite no arco da realidade acontecendo.

Oiço o José, aqui, além: Academia, Cerimónia-concerto da outorga do Nobel, Banquete, outras circunstâncias. Discursos, intervenções, palavras da mais rara energia: lucidez e coragem, fala singular que nos desvela também, morada de um povo em transcrição insurgente, identidade e devir. Que o diga Eduardo, Eduardo Lourenço, somos comovida incandescência, absorção do irrepetível.

Vejo o José, vejo a Pilar, no centro do centro. Inclusivos, nunca posando. Neste instante descem as escadas do Grand Hotel, vamos em direcção a um dos lugares do périplo oficial. Neva, os fotógrafos e operadores

das televisões pedem uma breve recolha de imagens. Já o capote alentejano se fez vedeta na cidade e por todo o mundo à mercê da informação: antracite e brancura na parede da manhã,



Pilar e uma cravo na mão pendente, canto do júbilo, aura. Como à entrada do Palácio em que no baile dançamos, irrealidade quase.

E passeio sozinho pelas ruas. Depois com o Carlos Reis. A seu lado, acompanhados pela Maria Alzira Seixo, levo uma comunicação à Universidade, iniciativa sob a égide do Amadeu Battel. Jantamos na Embaixada de Portugal, acolhem-nos Luísa e Paulo Castilho. Regresso às ruas, aos parques, lagos, ilhas de vidro. Compro livros: autores nórdicos no inglês do meu conforto, Tranströmer entre eles. E mesmo em sueco, língua que não estudarei, «Memorial do Convento», «Ensaio sobre a Cegueira», «Todos os Nomes».

Bebo café, como doces e frutos silvestres, no rosto as agulhas do inverno. E os amigos em flor ou festa, Zeferino, Ani, Juan Cruz, BB, Ray-Güde, Paola, Jorge Couto, José Socrates, alguns dos jornalistas, a tribo encantatória vinda de Granada e Sevilha, irmãos e cunhados da Pilar, cunhados e irmãos do José, súbito elegia e serenata na noite imensa com Jorge Sampaio e Maria José Ritta, topo da representação do Estado, nosso contentamento.

Não serei repórter, cronista, hagiólogo, historiador. Guardo o que me pertence, dou voz a uns quantos silêncios



desprovidos de relevo. Porque Estocolmo é a glória de um escritor, José Saramago, um escritor único, tributo que se funde no reconhecimento universal. Eis a síntese: legenda, inscrição no interior da pedra. E o triunfo da Literatura, portuguesa desde logo. Orgulho de uma comunidade que apaga o visco e a cizânia. Por isso celebraremos a sua perene estrela em viagem.



José Rodrigues dos Santos

À boleia do Nobel

Não tenho a certeza do nome dele, mas acho que se chamava Afonso. Talvez fosse por fazer Sol em Estocolmo ou se calhar por estar na companhia de tantos dos seus compatriotas, a verdade é que, quando o conheci nesses dias de Dezembro de 1998, o senhor Afonso irradiava uma alegria calorosa que contrastava com a luminosidade gelada do Inverno na Suécia.

«Então onde querem vocês que vos leve?», pergunta ele quando me acomodo com o meu repórter de imagem na sua limusina espaçosa, um Cadillac longo e negro de vidros fumados como aqueles que circulam pelas ruas de Nova Iorque ou Los Angeles. «Vai um passeiozinho por Estocolmo?»

O à vontade com que formulou a pergunta, que na verdade tinha mais um sabor a convite, deixa-me intrigado.

«Um passeiozinho, senhor Afonso? Então e o Saramago?»

«O senhor Saramago está com a senhora Pilar em casa de um escritor amigo», responde. Desvia os olhos para o relógio incrustado no tablier da limusina. «Só lá tenho de os ir buscar daqui a uma hora. Temos tempo.»



O senhor Afonso era, já se está mesmo a ver, o motorista de José Saramago durante os dias da cerimónia de atribuição dos prémios Nobel. Conhecera-o na véspera graças ao António Esteves Martins, que com ele se cruzara um mês antes quando viera a Estocolmo fazer o trabalho exploratório para a cobertura televisiva da RTP à cerimónia de atribuição do Prémio Nobel ao grande escritor português, e o contacto frutificara.

«Então vamos lá dar essa voltinha...»

A limusina arranca do Grand Hotel, um belo edifício separado do Palácio Real por um braço de mar, e finta a neve que se amontoa na borda da rua. Nevara nessa madrugada, mas o céu abrira-se num azul-claro radioso, embora glacial, filtrando uma luz límpida. Lembro-me que no final da manhã tínhamos ali filmado uma animada guerra de bolas de neve entre Saramago e Pilar, pareciam duas crianças a brincar, correndo, escondendo-se e soltando gargalhadas contagiantes.

«Querem ir ao Museu Nobel?», pergunta o senhor Afonso. "Ou preferem ver a Ópera?"

«O que eu queria é que o senhor me explicasse como se tornou chauffeur do Saramago.»

O motorista ri-se.

«Oh, é muito simples. Emigrei há uns trinta anos aqui para



a Suécia e montei uma empresa de táxis que inclui esta limusina. Os tipos do Nobel souberam que eu era português e perguntaram-me se queria ser chauffeur do senhor Saramago. Olaré se queria! Aceitei logo!»

«O senhor conhece o pessoal dos prémios?»

«Estocolmo é uma cidade pequena, meu caro amigo. Toda a gente aqui se conhece. Eu até sei como é que o prémio lhe foi atribuído...»

«Está a brincar.»

«A sério! Olhe, a coisa começou porque os tipos decidiram que este ano o Nobel da Literatura iria para a língua portuguesa. Só que não conheciam ninguém, como é bom de ver. Foram ter com o leitor de Português da Universidade de Estocolmo, o professor não-sei-quantos, e pediram-lhe que lhes indicasse uns nomes. O professor disse-lhes logo que tinha de ser o Saramago, só podia ser o Saramago. Foram ler os livros dele e, pimba!, deram-lhe o prémio.»

Recosto-me ao assento da limusina e desvio os olhos para a cidade gelada. Teria sido mesmo assim? Não me parece inverossímil, mas aquela era uma história tão boa como qualquer outra. Talvez só os membros do júri pudessem dizer como tinham chegado a José Saramago. Ou se calhar haveria outras pessoas



que também soubessem como se tinha processado a escolha. Mas... o chauffeur?

E porque não?

«Então e como é o Saramago?», pergunto, mudando o ângulo da conversa. "O senhor tem andado a conduzi-lo estes dias todos, já deve ter visto algumas coisas..."

«Sobre o meu trabalho, os meus lábios estão selados", devolve o senhor Afonso, assumindo a sua melhor pose profissional. "É uma questão de respeitar a confidencialidade dos meus clientes, como deve compreender.»

«Compreendo pois.»

O motorista hesita.

«Mas... só lhe digo uma coisa, meu caro amigo. Que o homem tem cá um génio, lá isso tem!»

«Génio, senhor Afonso?»

«Temperamento. Não é um mole, se é que me faço entender.»

«Entendo, entendo.»

Inclino-me no assento e corro o que me parece ser uma gaveta. Trata-se, descubro, do bar da limusina. No interior há garrafas de vodka, whisky, Martini e gin, e ao lado encontro copos de cristal. Interrogo-me se o casal Saramago usou o



bar, mas todas as garrafas estão seladas e nenhum copo parece usado. Numa outra gaveta deparo-me com acepipes, em particular bolachinhas de água e sal e frasquinhos de caviar. Não bebo álcool quando trabalho, mas os aperitivos são outra conversa. Rasgo o plástico de um saquinho e abro um frasco, esbarrando o caviar numa bolacha.

O motorista quebra o silêncio momentâneo.

«Então já sabe da sua concorrência?»

«Está a referir-se à SIC, senhor Afonso?», pergunto-lhe enquanto meto a bolacha à boca. «O que se passa com eles?»

«Os meus rapazes informaram-me há pouco que viram a SIC a fazer umas filmagens numa livraria aqui perto.»

«Tinham algum convidado?»

«Não. Estavam sozinhos.»

«E viram-nos em mais algum sítio?»

«A andar pela cidade. Mais nada.»

Pondero a informação. Umhas imagens tiradas nas ruas de Estocolmo e outras obtidas numa qualquer livraria cheias de livros em sueco não me parecem susceptíveis de darem uma reportagem particularmente atraente, sobretudo tendo em consideração que iriam competir com as minhas fabulosas imagens



de Saramago e Pilar envolvidos numa guerra de bolas de neve à frente do Grand Hotel.

«O senhor consegue pôr os seus rapazes a dar-nos informações sobre todos os movimentos da SIC aqui em Estocolmo?»

«Com certeza.»

Para completar o bigode à concorrência, porém, falta-me algo mais. O melhor a fazer, parece-me, será continuar no rasto de José Saramago e de Pilar. Eu serei o caçador e o chauffeur o perdigueiro.

«Oíça lá, senhor Afonso, quando os for buscar a casa do amigo escritor, onde os vai levar?»

«Ao hotel, claro.»

«E depois? Há mais alguma coisa prevista?»

«Tenho de os levar ao Palácio Real para conhecerem o rei e a rainha.» Inflecte a voz, como se algo acabasse de lhe ocorrer. «Sabe que a rainha Silvia é meio brasileira?»

«Sei, pois.» Não é isso o que no momento mais me interessa. «A SIC vai estar no palácio?»

«Não estão registados...»

Esfrego as mãos, satisfeito com a novidade. Ah, uns anjinhos! Que bigodaça a SIC irá levar nessa noite!



«Então leve-nos de volta ao hotel, senhor Afonso. Temos de ir preparar o material para dar um salto ao palácio. Quero imagens do encontro deles com o rei e a rainha.»

O motorista roda o volante, faz meia-volta e minutos depois deixa-nos à porta do Grand Hotel. Quando nos afastamos já, Afonso corre o vidro da janela e estica a cabeça para fora, deixando o vento despentear-lhe os cabelos brancos.

«Não contem a ninguém que vos andei a passear na limusina do Saramago, hem?»

Aceno de volta.

«Fique descansado, senhor Afonso», despeço-me. «Não vou falar a ninguém.»

Mas não prometo que não escreverei.



José Sucena

O meu dia 10 de dezembro de 1998 em Estocolmo, onde estive acompanhado, entre outros, pela minha mulher e pelo Armando Baptista-Bastos, foi um dia normal.

Ou talvez não tanto. Lembro-me que de manhã, quando des-cemos para tomar o pequeno-almoço, o BB e eu nos servimos de uns ovos mexidos e de uma salsichas que, na opinião unânime dos presentes à mesa, exigiam um acompanhamento a cerveja. Contactado o empregado, foi rejeitado de imediato e com alguma rispidez o pedido, com a informação de que só teríamos direito a café, leite ou chá.

Terminado o pequeno-almoço, fomos para o átrio do hotel e assistimos ao abrir da porta do elevador, já não me recordo por quem, e de lá sair a Pilar del Río com um vestido vermelho escuro. Estava deslumbrante! Atrás, ou melhor, detrás, surgiu José Saramago com um traje de gala que fazia realçar a sua natural elegância. Não resistimos a pedir que se deixassem fotografar connosco.

Recordo a ida para um teatro, onde José Saramago, num palco cheio de senhores bem vestidos e seguramente importantes, recebeu uma medalha de ouro, porque lhe tinha sido atribuído



o Prémio Nobel. E, depois, ouvi um brilhante discurso em que José Saramago, à sua maneira, agradeceu o Prémio. Regressados ao hotel, preparámo-nos para um jantar com o qual iria terminar o dia. Já não recordo o que foi o jantar. Mas recordo a notável e corajosa intervenção de José Saramago, que teve como objectivo fundamental denunciar a cobardia e o alheamento dos homens do poder em relação a grande parte da população mundial e reclamar a necessidade de uma viragem de comportamento, de modo a que os direitos humanos, consagrados na Carta que nesse dia cumpria 50 anos, fossem a preocupação fundamental de quem exerce o poder.

Repito. Foi para mim um dia normal, habituado que estava, quando acompanhava José Saramago, a ver e sentir: o saber, a coragem, a solidariedade, a elegância, o humor. E a amizade.



Lilia Schwarcz

Sempre gostei de histórias de fada (e com final feliz). Gostava quando era menina e gosto ainda hoje, quando posso voltar a visitar as mesmas histórias, agora junto com minhas duas netas. Na verdade, com elas ou sozinha, sempre faço o jogo do «viveram felizes e para sempre».

Por isso, quando Pilar e José nos convidaram, faz alguns anos atrás, para assistir a cerimônia do Nobel em Stokolmo, logo pensei que estava a caminho de uma terra encantada, e que só me faltava o sapatinho de cristal.

No entanto, chegando lá, o clima estava mais para Natal, do que evocava qualquer história de Cinderela ou Bela Adormecida.

Bastou ver, porém, Pilar com seu vestido esvoaçante, e rindo muito, e José sempre sério e ainda mais alto com seu traje de gala bem cortado, para perceber que a fantasia só havia mudado de endereço. Era mesmo realidade.

Mas o que aconteceu por lá foi muito mais do que o mero jogo de espelhos: foi magnífico constatar como, mesmo rodeado de reis, José não abria mão de seu discurso crítico - humano e crítico - e



a maneira como trapaceava com o ritual, não se deixando capturar por ele. Pois José e Pilar, Pilar e José são sempre eles mesmos, onde quer que estejam.

Por isso, ao invés do ambiente gélido, tudo que me vem à lembrança, quando penso naqueles dias tão rápidos como intensos, foi a alegria de estar entre amigos, e de reconhecer em qualquer lugar o discurso republicano e cidadão de José, e encontrar Pilar sempre ao lado de seu José, mas sempre - e acima de tudo - ela mesma.

Dizem que os rituais trapaceiam com o tempo, e dessa vez não seria diferente. Lá se vão 15 anos, mas na minha memória tudo aconteceu ontem, ou melhor, hoje: agora.

Quem sabe tudo não passou de um conto de fadas - daqueles que quanto mais fantasiosos mais brincam com a realidade. A voz de José continua forte e ecoando entre nós, e Pilar, é a mesma: viva, indignada, curiosa e sempre engajada.

No tempo da imaginação é assim que acontece: nada fica para sempre no passado, volta rodopiando no carrossel do presente.

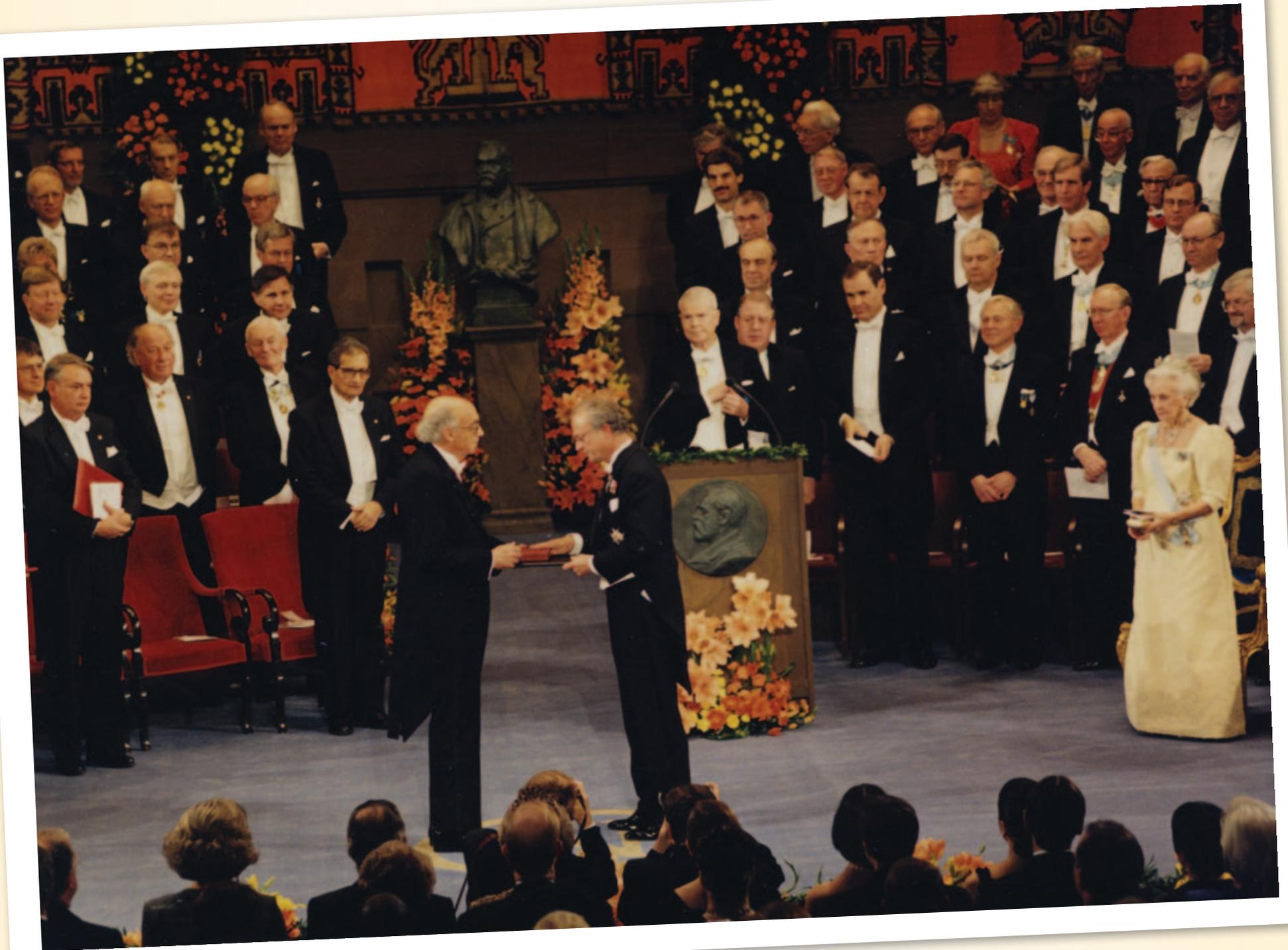


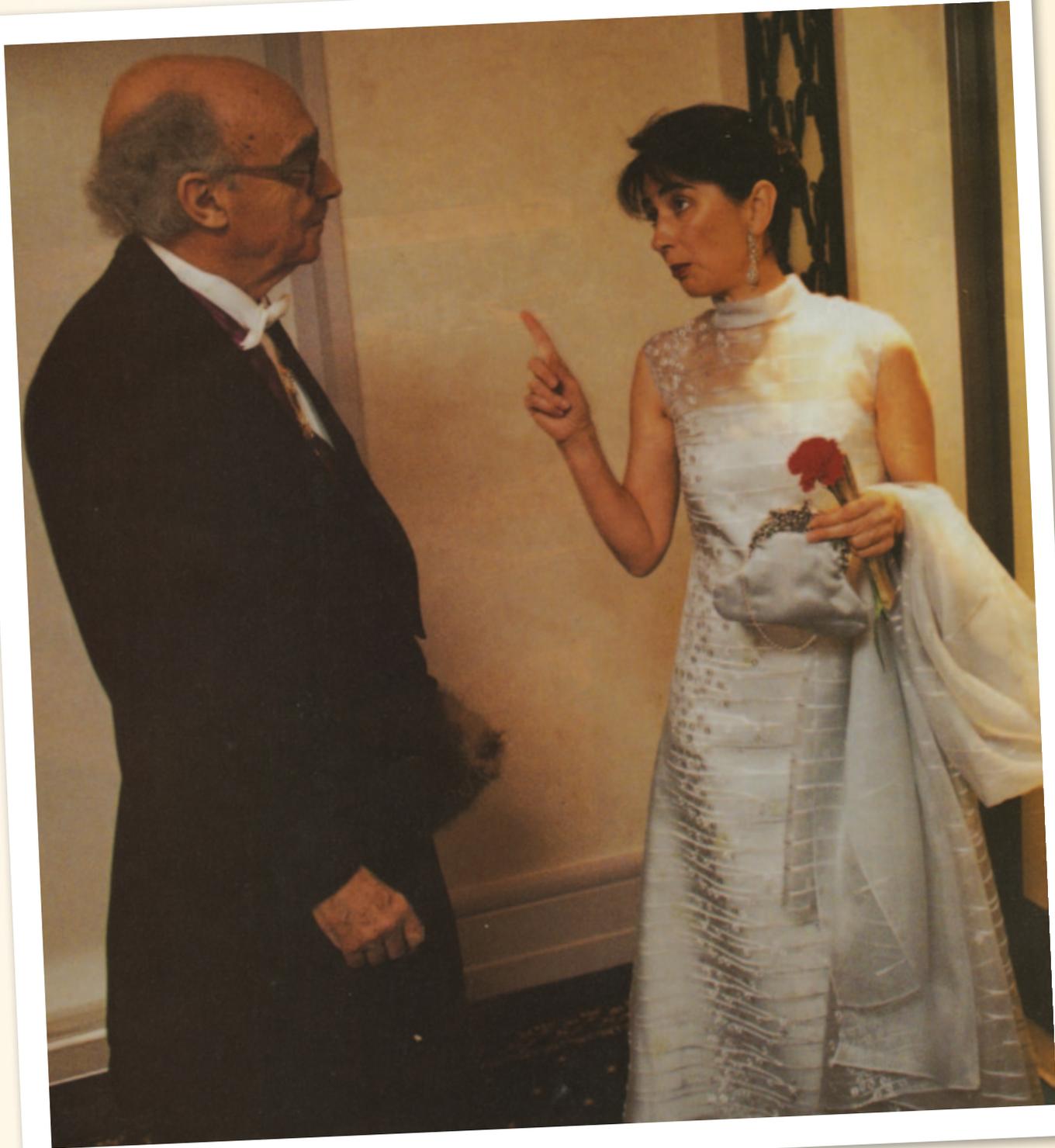
Luiz Schwarcz

Me lembro do frio nos pés, e do gelo das ruas. Me lembro de achar-me muito feio no fraque obrigatório e de Pilar me consolar dizendo que não estava tão mal. Lembro das mulheres muito melhores em seus trajes de gala, da Pilar provando o vestido para que o aprovássemos, e no dia seguinte, lembro-me de vê-la brilhar com ele nas primeiras páginas dos jornais. Lembro da cerimônia na qual não contivemos a emoção, e do jantar, um luxo para milhares de convidados. Lembro do vinho, um Borgonha de Comtes Lafon, lembro-me do batalhão de garçons descendo as escadas equilibrando baixelas de faisão, da mesa dos editores, alguns desconfortáveis como eu, no traje de gala, outros mais sábios, apenas usufruindo a ocasião. Lembro de tudo isto e tanto mais, mas sobretudo lembro-me do José, de seu discurso, do seu sorriso, da sua alegria, dos seus abraços, de seu braço enganchado no meu, nas ruas de Stockolmo. Lembro-me das saudades que incomodam, mas também do profundo orgulho que ele nos legou.





























Maria Alzira Seixo

Aquele outono de 98

Recordar o Nobel é reviver um conto de fadas. Desde a adolescência, quando devorava livros em infindas tardes de Verão, a trincar maçãs ou pedaços de marmelo cru (havia marmeleiros e macieiras no quintal) e via, na colecção «Dois Mundos», escritores de todo o lado que tiveram o Nobel, eu pensava: porque não o tem Portugal? E durante anos, crescida, mulher feita, sempre naquelas manhãs de inícios de Outubro ligava a rádio às 10h, como quem espera o número da sorte grande.

Mas naquele dia nem pensara nisso: atarefada a fazer malas para ir nessa tarde para Macau, oiço o telefone, era a Joana Varela: «O Saramago teve o Nobel! Quero dedicar-lhe uma Colóquio/Letras, diriges tu o volume, arranja-me esses internacionais que conheces e vamos fazer uma coisa em grande!» Eu, aturdida: «O Nobel!!! Claro que aceito!» (tanto trabalho eu já tenho... mas o Zé teve o Nobel!) Ligo a Pilar - impedido! impedido sempre! O que é que eu faço??, tinha de exteriorizar a alegria, expandi-la, fazer alguma coisa... Já sei, liguei para a TAP: «Quero fazer uma reserva Lisboa-Estocolmo», fiz as contas, ida a 8 de Dezembro, «Depois se vê. Ao menos, lugar no avião já tenho». Falei com Pilar mais tarde (ela,



inebriada; eu, aos pulos!), os dois já em Madrid, Zé nas imprensas, e eu vou a Macau e já venho.

Mas, em Macau, tudo excitado também. E havia os clamores da publicação do Evangelho: debati na TV o livro com um padre inteligente, num programa de partilha ideológica e alegria, essa foi uma das estadias em Macau mais agradáveis que tive. Nem a humidade era insuportável.

Quinze dias depois, em Lisboa, outro momento indelével: vê-los, abraçá-los! Estavam no Altis, fui lá almoçar, levei champagne, emoção. Ali estava o «nosso» Nobel, depois de Knut Hamsun, Anatole France, o inverosímil Sully Prud'homme, Martin du Gard, e alguns mesmo grandes como Claude Simon. Enfim, Nobel! Andávamos sobre nuvens, até parecia uma 2.ª Revolução de Abril - ou antes: a sua confirmação em Literatura.

Só então recordei que, um ou dois anos antes (tenho p'raí cópia da carta, que o JL aliás veio a publicar, num número extraordinário dedicado a Saramago e ao sucesso sueco), eu escrevera ao Comité da Academia Sueca a protestar: «saibam os senhores que toda a vida respeitei o vosso Prémio, que li os premiados com respeito e unção, mas que, decorridos 20 anos sobre a vergonha salazarista, vergonha maior é a Língua Portuguesa não ter ainda um premiado por vós!» (mais ou menos isto, era o sentido), pedi a morada ao



Zé Cortês, e a carta seguiu. Contas ajustadas, assunto arrumado, nunca mais me lembrei - até que o Nobel veio: «é nosso!», dizia eu ao Zé. «Nosso?! Essa agora, o prêmio é meu, fui eu quem o ganhou», ripostava ele. Mas eu não ligava, sentia-me premiada também. O país todo. Já não era só o futebol!

E o conto de fadas verdadeiro foi Estocolmo. Narrá-lo seria escrever uma novela... Isolo apenas 3 momentos de arroubo, que me guindaram a alma a uma elevação de justiça cumprida:

1. Atribulada viagem a Estocolmo

Eu viajara na antevéspera; motivos de trabalho impediram-me de ir a tempo de assistir à tão falada e magnífica conferência de Sarago aos suecos, em que falou do Avô Jerónimo. Mas o meu avião, com escala em Zurique, não prosseguiu, devido a uma tempestade de neve. Nem vos digo o que barafustei em balcões do aeroporto: que tinha de chegar forçosamente para as conferências que se realizariam na véspera na Universidade; que um Nobel não acontece todos os anos; que... E acabei por viajar às 9 da manhã do dia seguinte, cheguei ao Grande Hotel era já 1 e tal da tarde, a conferência era às 2 e meia, foi mudar de roupa e tomar um táxi, descobrir o pavilhão da Universidade onde a coisa se passava, tudo a correr, encontrei a sala, abri a porta, assomei, e... gargalhada geral ecoou no vasto anfiteatro, fiquei suspensa! Segundo me relatou depois o



Carlos Reis, o moderador anunciou, no início da sessão, as conferências que iriam ter lugar, mas que faltava chegar eu. E segundo um telegrama, deveria estar a chegar, e no exacto momento em que disse tal, eu, do outro lado da porta, empurrei-a e apareci! Desataram todos a rir. Eu, com cara de parva, pensava como Napoleão: «Ça commence bien...» Golpe de teatro, disseram - e eu, acreditei nas fadas! Fizemos as conferências na sala a abarrotar, e viemos depois para a recepção, já nem sei onde...

2. ... só sei que era uma sala muito grande, num edifício público solene, com gente amontoada e aos encontrões. Eu, perdi os companheiros e furei em busca do Zé e da Pilar, dei com umas escadas largas que desciam e avistei em baixo uma sala enooorme, de tecto altíssimo, apinhada de gente que se acotovelava, descobri o Zé e fui escada abaixo - mas, uma vez em baixo, só via pescoços, fatos escuros a roçarem-me o nariz, muitos colares à minha frente, que é do Zé, topei com gente cá da terra, sorrisos escancarados, alegria, depeniquei uns comeres e beberes, e decidi tornar a subir as escadas, perdida entre a multidão, cansada de viajar e correr, vazia por não encontrar o «meu» Nobel, e eis que, no cimo das escadas, alguém parara e me olhava fixamente a sorrir: ERA O ZÉ! Caímos nos braços um do outro, ele deu-me um beijo em silêncio. Não pronunciou palavra. Nem eu. Só sorriámos, e com a cara toda! Alguém



depois mo arrancou (outro entusiasta, decerto), fiquei então sozinha com as fadas, e foi aí que avistei Pilar, que me desapareceu «incontinenti» levada por outrem, já não sei quem, tempo depois, me deu boleia para o hotel, cheguei, fui enfim dormir! Que dia, esse de Zurique a Estocolmo!!!

3. E chega a Hora H, a sessão, a emoção no auge. Levaria horas a descrevê-la, longa e linda, solene, comovente. Entusiástica!

(Houvera ainda um cocktail, no salão Nobel em que estão as fotos de todos os premiados - com um vazio para o Sartre sobre a vitrina contendo a carta manuscrita da sua rejeição. Aí tirei fotos com o Zé, o Carlos Reis e o José Manuel Mendes - mas não o situo com precisão no calendário dos eventos, tudo era real e sonhado, ao mesmo tempo; como o tranquilo jantar na Embaixada, com o Paulo Castilho e a Luísa, e o José Rodrigues dos Santos a conduzir as câmaras da RTP pela casa, de ar feliz; isto que escrevo são recordações que pululam, não é um relatório!, só sei que foi então a única vez em que pudemos falar com o José em conversa serena.)

Na sessão, soleníssima, não sei que mais me tocou: se a cerimónia da atribuição (majestática! em ritual medido mas brilhante, com música a sublinhar a consagração dos laureado: trecho dos Pescadores de Pérolas para José; e para já não sei quem, uma das «minhas» árias, «Dich Teure Halle» de Wagner, que as fadas me dirigiam..) ou



se o banquete: formal e sumptuoso, com música sinfônica de oculta orquestra a sublinhar cada iguaria que descia as escadas, num exército de mãos hábeis elevadas como em ballet, e o momento culminante em que as luzes se apagaram de súbito, e pelas escadas invisíveis desciam pirilampos (parecia), e era o gelado flambé emblemático dessa moderna «cena Trimalchionis», servido a compasso com idênticos gestos simétricos, em todas as mesas simultâneos, nem se imagina, só vendo! - sonhando - como num «real» (nos dois sentidos!) conto de fadas. Aquilo parecia-me de facto Shakespeare, um «Sonho de Uma Noite de Inverno» no Norte gélido em Dezembro.

A finalizar, não houve a dança: a orquestra tocava na sala de baile, muitos pares rodopiavam valsas de Strauss, mas José não dança, não dançou. A rainha Sílvia terá tido pena (vestia rosa e ouro, num vestido como o da Gata Borralheira em ilustrações da minha infância), conversara com José o tempo todo ao jantar, decerto saudosa da sua Língua Portuguesa - e eu bispando tudo, numa mesa bem perto, dividida entre um colega de Austin e um banqueiro sueco que falava ecos de Português e admirava Vergílio Ferreira, e com um membro do Comité Nobel à minha frente (sorria-me, dava-me todas as medalhas de chocolate douradas que havia na mesa, e mandou buscar mais), uma mesa animada, radiante, ou não estivesse eu nela!

Como nos contos de fadas ainda, o final deslumbrou, inesperado e radioso, o final com que eu fecho o relato e a recordação - e



não só eu: fotógrafos de todo o mundo o estamparam nos jornais - o mais feérico de tudo isto, hino à figura feminina que Saramago honra, de Blimunda até à Mulher que se desprende da Morte por amar a Música (As Intermittências da Morte): refiro-me à mantilha de Pilar! Saíramos do banquete, em grupos esparsos, a noite era de frio cortante e os nossos fatos vaporosos, as peles pouco abrigavam mas os corações ardiam no encanto, e, de súbito, avistamos Pilar que, numa clareira, era mancha esbatida no vestido de organza azul etéreo, e, em gesto de elegante finura, alça nos braços alongados a vasta écharpe transparente que se desenrola e abre, caindo de manso sobre os ombros descobertos, velando-os no frio da noite. Esse momento em que ela abre a mantilha, projectando-a no ar, foi como um gesto de Titânia feliz, a alargar a todos a felicidade - ou, à portuguesa, como uma «Mantilha de Beatriz»!, que o Pinheiro Chagas no romance não é tão mau como consta... ninguém leu! - nesse Sonho de uma Noite de Inverno, a consagrar a realidade onírica que vivíamos. Nessa visão final da Rainha das Fadas, imagem de encantamento no devaneio da (a)ventura nórdica, podia ver-se ainda o estilizado apelo para a realidade do mundo frio, dos desprotegidos da incúria poderosa, e da necessidade de os atender. Para eles o nosso Nobel apelara a meio do banquete, no seu discurso que gelou muitos presentes por apelar para a «Declaração dos Direitos Humanos», cujo aniversário ali fez questão de lembrar. Como um homem que a glória nunca afastou dos sofrendores da tirania, de ontem e de hoje.

Mercedes de Pablo

A mão, como um pássaro esbelto, fez uma leve onda no ar, as palavras de José Saramago encheram a Câmara de Estocolmo num suave português, a língua que pela primeira vez recebia o maior prêmio da história da literatura. Os que estavam perto, Pilar, alguns escritores portugueses convidados e Zeferino, o editor de Saramago, talvez tenham podido ver o rosto dos reis suecos, se mudaram a expressão ou o lábio superior lhes tremeu. Nós que estávamos na sala de imprensa sentimos estremecer o chão alcatifado, eram os jornalistas, os mais de mil enviados especiais que começaram a aplaudir com sanha, com alegria, uma fúria bendita. O estremecimento dos aplausos, como num romance de Saramago, deteve-se um instante para nos deixar ouvir o resto, mas estou convencida de que era um parêntesis para apanhar ar, para tomar balanço, para assumir a força hercúlea do eterno. Abandonados os salões, às três ou quatro horas, feitas as fotos de todos os Nobel com as famílias, os admiradores, os jornalistas, os amigos, o estremecimento saiu para a rua gelada, deslizou pela neve de conto de Natal de Estocolmo e preparou-se para a onda expansiva que foram, são e serão as palavras do Nobel da Literatura mais querido deste século, ou pelo menos do século e do mundo que eu habito.

Nunca a neve teve mais fogo, como num poema de Borges, nunca a ostentação se rodeou de maior simplicidade elegante, nunca os pobres



foram convidados como naquele dezembro de 1998 a pisar os palácios, sentar-se em poltronas reais, dormir numa suite mítica, a do Grand Hôtel, como só as estrelas se permitem. Algumas das amigas de Pilar que, como num acampamento do 15 M, tomaram os salões do Nobel com as armas do presunto e do queijo espanhóis, montaram guarda diante da suite em frente, onde dormia o boss Springsteen. Não conseguimos vê-lo mas metemos os dedos impúdicos numa chavena de café onde possivelmente pousaram os lábios do cantor. Saramago, rodeado de gente em cada minuto da sua estada, sobrecarregado, paciente, irritado com um estoicismo quase britânico, assistia a todo aquele rebuliço com a elegância de um homem invisível. Sem assomos de pudor ou de falsa modestia, sem mais soberba do que a de reclamar, minutos antes da grande cena de gala, que o nosso estilista e amigo Manolo parasse de pentear Pilar, bela ao quadrado, e lhe passasse um pente pela cabeleira, lhe cortasse as pontas, lhe compusesse o fraque, e lhe dissesse se a magnífica capa alentejana, presente dos seus compatriotas, assentava nos seus ombros de príncipe, de príncipe de pão e de fome.

Se alguma vez a água e o azeite fizeram milagres foi com este homem de atitude e equilíbrio tão fortes que os restantes, cortesãos, empalideciam perante as suas maneiras corteses, a dignidade dos seus modos, a suave ironia de quem sabe estar, sim, mas também sabe que fará desaparecer num instante os faustos e luxos das cerimónias, das cortes, dos palácios.



E foi assim que o estremeamento aguardou paciente que Saramago tomasse a palavra no brinde oficial do grande jantar e levasse à mesa brocada a lembrança da Declaração dos Direitos Humanos, dando-lhes lugar entre tanta complacência e felicidade. O Prêmio Nobel da Literatura tornou-se Prêmio Nobel da Paz, nunca as letras tinham feito tantos ajustes de contas, nunca as palavras se obstinaram tanto em ser ferramentas para mudar o mundo, para agitar consciências. Para desassossegar, como Saramago deixou dito e dizem os seus livros e a sua vida.

A imagem daqueles maravilhosos dias é a de José e Pilar chegando à vetusta entrada da Câmara, um dos lugares mais reconhecíveis de Estocolmo. Ela, numa fotografia desfocada, faz voar um xaile cor de gelo. A seu lado, o Nobel contempla-a. Agora sei que é algo mais do que a foto preferida dos Saramago na sua casa espanhola de Lanzarote, é a imagem nítida do estremeamento, o aplauso e o grito de rebeldia e dignidade que, como uma pomba, uma garça, uma águia, saltou para o mundo. E continua a agitar as consciências. Se com o Nobel a sua presença se fez ainda mais visível, as suas palavras, responsáveis e disciplinadas como ele, voaram como a semente dos melhores trigo para germinar, crescer e não morrer nunca.

Eu estive lá, vi. Mas o importante é que posso sempre abrir um livro de Saramago, o primeiro ou o último, e a voz, essa voz, essa consciência, volta a ser o estremeamento universal que não se apaga nunca.

Paulo Castilho

O elefante no meio da sala.

Cheguei à Suécia em 1995 e pouco depois, no âmbito das visitas de cortesia habituais na prática diplomática, fui visitar o Secretário Permanente da Academia Sueca, que é um dos 18 membros vitalícios da Academia que todos os anos decide a quem é atribuído o Nobel da Literatura. Tinham-me prevenido que se tratava de um homem muito influente, mas «difícil» e a verdade é que a visita correu de uma forma bastante curiosa e invulgar em reuniões daquele tipo, marcadas normalmente por uma certa informalidade. Encontrei o meu interlocutor muito tenso e pouco à vontade durante toda a nossa conversa. Começou logo por me prevenir que tinha de partir para o aeroporto muito em breve. Ainda não eram decorridos quinze minutos quando tocou bem alto no gabinete onde estávamos uma campainha de origem misteriosa, que motivou uma certa agitação ao meu interlocutor. Pouco depois abriu-se a porta do gabinete e entrou a secretária, com quem trocou palavras em sueco. Explicou-me de novo que tinha de sair, levantou-se e conduziu-me até à porta, onde se despediu.



O que é que tinha acontecido? Pareceu-me logo que o Secretário da Academia receava que eu tivesse ido falar com ele para reclamar um Nobel da Literatura para Portugal. É claro que não me passava pela cabeça fazer tal coisa, não só inapropriada, como eventualmente contraproducente (era voz corrente em Estocolmo que as autoridades brasileiras teriam, em anos anteriores, inviabilizado o Nobel para Jorge Amado por terem tentado fazer pressão sobre a Academia). Nunca durante a conversa lhe falei dum Nobel para Portugal. Mas a verdade é que o Secretário Permanente, pela atitude crispada que adoptou, acabou implicitamente por colocar no centro do nosso encontro o proverbial elefante que está na sala e que toda a gente vê, mas de que ninguém fala. Foi um pouco como se eu tivesse feito a diligência «proibida» - com a grande vantagem de não a ter feito.

Incidente diplomático

A Fundação Nobel organiza, com um rigor muito nórdico, o programa dos premiados quando em Dezembro se deslocam a Estocolmo para receberem o prémio das mãos do Rei. Do rigor faz parte a regra de que na chegada ao aeroporto não há Embaixadores. Os premiados são recebidos apenas pelos representantes da Fundação e das instituições ligadas aos prémios, que no caso da



literatura é a Academia Sueca. À boa maneira latina, ainda insisti por uma excepção, mas na Suécia não é não e só precisa de ser dito uma vez.

Não desejando manchar a chegada de Saramago a Estocolmo com um incidente diplomático, lá tive de me resignar e de ir para o Grand Hotel, juntamente com a Luisa, esperar pela chegada de José Saramago e da Pilar del Rio.

Estes pequenos dissabores e contratempos foram, no entanto, completamente compensadas pelo calor e pelo afecto com que o José Saramago e a Pilar nos saudaram. A Pilar, que, ao contrário de Saramago, eu ainda não conhecia pessoalmente, teve um gesto que marcou logo o tom muito descontraído e caloroso que havia de caracterizar o nosso contacto, nos cinco dias que se seguiram e também no futuro: convidou-nos, como se faz com velhos amigos, a subirmos ao quarto para conversarmos e depois mostrou-nos os vestidos que tinha trazido para as cerimónias. Os vestidos eram lindíssimos e um deles impressionou-nos especialmente porque tinha bordada na fímbria a toda a volta uma passagem do Evangelho Segundo Jesus Cristo, escolhida pela Pilar e que ela nos leu.

O gesto da Pilar ficou sempre connosco. Os vestidos e as cerimónias dos dias seguintes deixaram na sombra as festas, os



bailes e as princesas dos livros faz de conta da nossa infância, ou não fosse a Suécia uma monarquia verdadeira.

O homem mais sábio

«O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever». Começa assim a «Nobel Lecture» que José Saramago leu, em português, na Academia Sueca. Era indispensável ter estado sentado nos bancos da Academia Sueca para sentir a emoção que as palavras de José Saramago, ainda que em tradução, causaram nas pessoas presentes. Eram na sua maioria suecos habituados aos ritos do Nobel, habituados a tudo o que de melhor se escreve por esse mundo fora. Só não estavam preparados para uma peça autobiográfica simultaneamente simples e erudita com a força humana e a lucidez literária que Saramago trouxe a Estocolmo. Foi um dos mais impressionantes textos até então lidos na Academia, um texto que deve ser colocado também entre os mais belos da língua portuguesa.

«A voz que leu estas páginas quis ser o eco das vozes conjuntas das minhas personagens. Não tenho, a bem dizer, mais voz que a voz que elas tiverem», frases finais mostrando que o avô Jerónimo não foi o único homem sábio da família.



O momento mais comovente

Foi uma semana de grandes eventos e de altas emoções. É, portanto difícil escolher o momento mais comovente. Cada pessoa que de alguma forma participou naqueles cinco extraordinários dias terá o seu e eu também o tenho. Para mim:

Não foi o pequeno almoço na Casa da Cultura, em que muitas dezenas de jovens puderam ouvir e fazer perguntas a Saramago.

Não foi a visita à Biblioteca de Estocolmo onde estava montada uma exposição sobre a obra de Saramago.

Não foi a palestra no anfiteatro da Universidade, onde centenas de professores e estudantes puderam ouvir as palavras de Saramago.

Não foram as cerimónias oficiais - entrega do prémio, jantar formal e baile na Câmara Municipal, jantar no Palácio Real, recepções portuguesas, incluindo a do Presidente da República.

Não foi o momento em que, no jantar no Palácio Real, a Rainha Sílvia, de origem brasileira, atravessou o salão sozinha, rompendo o protocolo, que na Suécia é rigoroso, e se dirigiu a Saramago para falar português.

Não foram os momentos, muitos, em que Saramago, com toda a naturalidade, compreendeu e assumiu que ele ali era mais do que ele, era a cultura portuguesa e Portugal.



Para mim o momento mais comovente ocorreu num restaurante. Na última noite antes da partida, terminadas as cerimónias oficiais, Saramago e Pilar convidaram-nos para jantar num restaurante tradicional da cidade velha. O restaurante estava cheio e, mal entrámos, as pessoas, apercebendo-se que se tratava de Saramago, irromperam em aplausos.



Pilar del Río

«Não nasci para isto, mas isto foi-me dado»

Quis o destino que o 50.º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos coincidissem com a entrega do Prémio Nobel a José Saramago. E não quis José Saramago deixar escapar a ocasião de falar de um documento que não pode nem deve ser letra morta porque é o mapa para o desenvolvimento das pessoas e das sociedades que somos. Por isso, quando se levantou da mesa real para se dirigir às escadas onde ia fazer o seu brinde, em português por vontade própria, houve quem quisesse ver, na expressão da responsabilidade, um certo sorriso maligno. Sabia o que queria dizer e ia dizê-lo com todas as letras. Não pretendia «épater le bourgeois» mas chocou os que esperavam a apoteose do lugar comum. Antes e depois daquele momento, José Saramago comentou com os mais próximos: «Não vou desperdiçar esta tribuna nem esta ocasião». E não desperdiçou: anos mais tarde, no mesmo lugar e em tantos outros do mundo continuam a ser recordadas as palavras então ouvidas com satisfação tão íntima: «Não é de esperar que os Governos façam nos próximos cinquenta anos o que não fizeram nestes que comemoramos. Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra e a iniciativa. Com a mesma veemência



e a mesma força com que reivindicarmos os nossos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa começar a tornar-se um pouco melhor.»

Quando José Saramago voltou ao seu lugar na mesa, a rainha da Suécia recebeu-o com estas exatas palavras: «Alguém tinha de dizê-lo». E assim foi: José Saramago levou para a sala do banquete do Nobel as necessidades de um mundo em sofrimento: «A mesma esquizofrénica humanidade que é capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas, assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte neste tempo do que ao nosso próprio semelhante.»

Como descrever o são orgulho de assistir a um momento tão notável, nada frívolo, não protocolar, carregado de simbolismo e de transgressão? Uma vez mais o intelectual que não se resigna e não aceita as regras do jogo foi capaz de fazer de um brinde um discurso e de um discurso uma emoção. O tempo da intervenção estava marcado em minutos, o impacto das palavras escapa a medições: quinze anos depois soam com a mesma frescura e honestidade, são ainda mais urgentes, dilacerantemente necessárias.

A jornada do dia em que ia receber o Prémio Nobel começou para José Saramago diante da escultura que na Katarinavägen de



Estocolmo é dedicada as Brigadas Internacionais que lutaram na Guerra de Espanha, homens e mulheres que anteciparam a hecatombe que se avizinhava e tentaram impedi-la sem o conseguir, porque a Segunda Guerra já estava em marcha nas estratégias dos poderosos que se alimentam do conflito e da destruição. De Lisboa e Sevilha tinham chegado cravos vermelhos para que o símbolo da Revolução de Abril estivesse presente nos diferentes acontecimentos. Chegaram várias dúzias de cravos quando na realidade apenas eram precisos dois, um para a entrega do Prémio, outro para o banquete real do dia seguinte. Pensou José Saramago que o melhor destino desses cravos seria depositá-los no monumento aos brigadistas, de modo que de manhã cedo, sem aviso prévio a ninguém, ainda que com a companhia da televisão espanhola encontrada por acaso à saída do hotel, sobre a neve coalhada depositaram-se essas dúzias de cravos vermelhos. E alguma lágrima, como é fácil imaginar.

A entrega do Prémio Nobel da Literatura foi emocionante, um calafrio partilhado com milhões de pessoas que seguiam o ato pela televisão. Aplaudiu-se em Estocolmo quando José Saramago, no centro do cenário mais solene, saudou com a medalha nas mãos. Era o momento crucial, o que seria reproduzido tantas vezes, mas houve outros arrasadoramente belos: como a homena-



gem do governo português ao escritor que levanta as mãos ao céu e com esse gesto parece levantar a terra, as fotos de mais de quatro metros de altura de João Francisco Vilhena impressionavam, a música de Scarlatti parecia reconfortar Blimunda e as mãos de Ana Mafalda Castro sobre o clavicórdio confirmavam a necessidade de «Uma voz contra o silêncio». O encontro do Presidente Sampaio e de José Saramago com os emigrantes, tantos deles exilados políticos que não puderam regressar ao seu país e que naquele dia o seu país visitou. Os amigos chegados de Espanha e os seus olés nas portas do hotel cada vez que José Saramago aparecia. Os amigos de Portugal, de delicadeza extrema e extrema amizade. Os meios de comunicação irmanados com a notícia e com o protagonista da notícia. A exceção à regra. O fabuloso discurso na Academia: «De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz». Os académicos suecos que foram cooperantes em África, as observações sobre o valor da literatura num mundo com valores em mudança. A cumplicidade do Embaixador de Portugal na Suécia, Paulo Castilho, também escritor, e generoso, tanto que soube entender e atenuar as ansiedades e tensões de quem disse «não nasci para isto, mas isto foi-me dado». A Universidade de Estocolmo, que anos depois o nomearia Doctor Honoris Causa. A visita ao colégio multiétnico, com leituras em



diferentes idiomas por crianças de todas as cores, enfim, cenas múltiplas, carregadas de simbolismo e carinho que começaram logo na chegada ao aeroporto de Estocolmo, com o primeiro ramo de flores e os olhares expectantes dos compatriotas portugueses, basta dizer o nome de Amadeu Batel e cabem todos.

Se no ano anterior ao Prémio Nobel José Saramago não tivesse escrito «Todos os nomes» talvez esse título pudesse ter nascido ali, embora fosse um livro diferente, habitado pelo suave milagre do excepcional. Todos os nomes em estado luminoso, alegres, iniciados, enquanto incansavelmente se ouve a música de Scarlatti, os cravos vermelhos parecem elevar-se até tocar as mãos dos brigadistas internacionais e José Saramago, nas escadas da Câmara, recorda-nos, consciência e reflexão juntas, que podemos ser maiores que nós mesmos se com a mesma veemência e força com que reivindicamos os nossos direitos reivindicarmos o dever dos nossos deveres. «Talvez o mundo possa começar a tornar-se um pouco melhor».

Aconteceu há 15 anos. Ou não: Há palavras que vivem um presente contínuo e exigente e são essas que nos impedem de aceitar a resignação.



Violante Saramago Matos

Há momentos em que não colhem posições institucionais, formais ou convenientemente distanciadas; e este é um desses. Por isso, mais vale deixar correr o que de mais genuíno tenho: as emoções. Dizer que o dia 9 de Dezembro de 1998, e com ele a viagem até à Suécia, era aguardado com ansiedade é sem qualquer dúvida um lugar-comum, mas era assim mesmo. Íamos todos - eu, marido, filho, filha e genro, a que se somava um grupo significativo de amigos - inchados e orgulhosos. Como se aquilo que íamos viver em Estocolmo fosse, de uma maneira ou de outra, obra nossa ou para a qual tivéssemos contribuído. Não era. Mas todos nos sentíamos «maiores», cúmplices nos olhares e no sentimento. Se a nossa energia, o nosso entusiasmo e a nossa força interior fossem sujeitos a impostos, certamente teríamos resolvido todos os problemas financeiros do país... E por muitos anos.

A criança traquina que tenho em alguma parte de mim e a quem às vezes apetece fazer disparates quis gritar, quando entrou no avião, «O meu pai vai receber o Nobel da Literatura» - mas a mulher adulta impôs-se e sentei-me comportadamente no meu lugar. Depois, depois foi um atropelo. Tudo se sucedia a um ritmo próprio, mas rápido - viagem, trânsito em Copenhaga, aproximação do aeroporto de Estocolmo, desembarque, transporte e registo no ho-



tel e, por fim, a ida para o local aonde mais queríamos chegar: a embaixada de Portugal onde Jorge Sampaio oferecia, enquanto presidente da República, uma recepção em honra da comunidade portuguesa na Suécia. Como ninguém me conhecia, pude andar à vontade por ali e perceber a genuinidade do afecto e do orgulho com que todas aquelas pessoas acolhiam, envolviam e cumprimentavam o meu pai.

Os dias seguintes foram insubstituíveis. Como se não bastassem uma cidade encantadora e visitas sempre mais interessantes com a ajuda da nossa simpática guia Maria da Piedade, havia ainda o imenso gosto das longas conversas com amigos (tantos e com tanto para contar) sempre extraordinariamente enriquecidas quando o professor Eduardo Lourenço se nos juntava. Mas a tudo isto - que por si só faria daquela viagem uma lição única - se somaria a recepção da entrega do prémio e o jantar de gala.

Não se descreve a emoção que se passeava pelo autocarro que nos levou para o Stockholm Concert Hall em cujo Grande Auditório se desenrolaria a cerimónia da entrega das medalhas e dos diplomas. Não sei como, mas só me lembro de estar já sentada a ouvir a orquestra e os sucessivos discursos de apresentação dos laureados. Até que, em penúltimo lugar, aí estava ele, do alto do seu valor, o mais elegante e o mais bonito, o mais aplaudido - o meu pai. Depois de ter recebido o prémio e depois das saudações pro-



TOCOLARES, cumprimentou a assistência. A mesma criança traquina murmurou «Este, já ninguém lho tira...»

Com a mesma imponência da cerimônia que tínhamos acabado de viver, seguiu-se o jantar de gala no edifício da Câmara de Estocolmo, onde uma imensa e magnífica sala aguardava as 1270 pessoas que estariam presentes, protocolarmente distribuídas pela mesa de honra, onde se sentavam as autoridades e os galardoados, e pelas 61 mesas que a rodeavam. A imponência do que se seguiu é inesquecível - a música e o canto, a chegada das entidades que ocupariam a mesa central, as conversas, o verdadeiro desfile dos empregados que nos serviam (e que soube então serem na sua esmagadora maioria estudantes universitários que se voluntariam para esse serviço, tal a honra com que o encaram), o cerimonial da leitura dos discursos dos laureados, homenageados por estudantes universitários empunhando bandeiras das suas escolas. Como inesquecível foi o lugar onde me sentei - segundo soube, então, o mais importante a seguir à mesa de honra. Tamanho o respeito e a consideração pelo Prémio Nobel da Literatura!

Dois dias depois, um almoço no restaurante Den Gyldene Freden (A Paz Dourada), na zona velha da cidade, levar-nos-ia ao sítio onde todos os anos os membros da Academia Nobel decidem e onde anunciam os laureados. A sala onde se reúnem transpira a solenidade das decisões.



Para além da memória, dos apontamentos e das notas, das fotografias, dos papéis, convites e registos; para além do testemunho dos fatos agora a dormir no fundo da mala - o que é ficou, passados 15 anos, de especialmente significativo?

Ficou tudo isso mas ficaram, sobretudo, duas extraordinárias alocuções do meu pai hoje reunidas numa feliz publicação da Caminho: são o discurso na Academia Sueca, a 7 de Dezembro e, depois, no dia 10, o discurso no Banquete Nobel.

Os Discursos de Estocolmo não são meros discursos de circunstância. Ao contrário são, cada um à sua medida, duas peças notáveis. Uma, porque permite cruzar de forma indelével mestres e aprendiz, autor e personagens; a outra, porque no justo momento da consagração, o homem que tinha acabado de ser saudado, premiado, cumprimentado, aplaudido, tem o discernimento de não se deixar deslumbrar pelo ambiente e pelas homenagens, preferindo chamar ouvidos e consciências ao significado profundo da Declaração Universal dos Direitos Humanos - cujos 50 anos se cumpriam exactamente nesse dia 10 de Dezembro de 1998.

Os Discursos de Estocolmo não mostram só o percurso, o carácter, os princípios de quem os tornou palavra; para quem quisesse ver, deixavam já antever o que se haveria de seguir - uma vida sempre consequentemente orientada e balizada por princípios e convicções, por compromissos e empenhamento.



Zeferino Coelho

O Dia 10 de Dezembro de 1998, com as suas cerimónias de entrega do Prémio Nobel a José Saramago, foi o dia mais importante de toda a minha vida profissional. Afinal, eu era o editor daquele autor que, uns anos antes, tinha muita dificuldade em encontrar quem lhe publicasse um livro.



Qué buenas estrellas estarán cubriendo los cielos de Lanzarote?

José Saramago, *Cuadernos de Lanzarote*

A Casa José Saramago

Abierto de lunes a sábado de 10,00 a 14,00 h.

Última visita a las 13,30 h.

(Open from monday to saturday, from 10 to 14 h.
Last entrance at 13.30 h.)

Tías-Lanzarote – Islas Canarias (Canary Islands)

www.acasajosesaramago.com



DEZEMBRO

ATÉ 22 DEZ BONECOS DE SANTO ALEIXO

Apresentação dos títeres tradicionais do Alentejo numa encenação da responsabilidade do Centro Dramático de Évora, que mantém viva a tradição dos Bonecos de Santo Aleixo. Teatro Garcia de Resende, Évora.

Santo Aleixo ▶



ATÉ 31 DEZ GENEALOGIAS DO CONTEMPORÂNEO

Colecção de arte de Gilberto Chateaubriand, que reúne trabalhos dos principais artistas brasileiros de entre as décadas de 20 e 70 do século XX. Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro.

MAM ▶

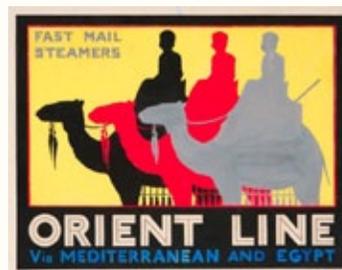
Tarsila do Amaral



ATÉ 5 JAN O CONSUMO FELIZ

Exposição que reúne mais de 350 obras de publicidade da Colecção Berardo, ilustrando os hábitos de consumo ao longo do século XX. Museu Berardo, Lisboa.

Publicidade ▶



10 JAN CONCERTO DE ANO NOVO

Concerto com a Orquestra Jovem da Sinfónica da Galiza, em colaboração com o Conservatório Superior de Música da Corunha. Obras de Paul Hindemith e Carl Maria von Weber. Palácio da Ópera, A Corunha.

Galiza ▶



ATÉ 19 JAN LAS FOTOGRAFIAS DE BURTON NORTON

Fotógrafo inglês da era vitoriana, Burton Norton viajou pela Europa na companhia do seu ajudante, W. G. Jones, estudante de literatura, registando os sítios por onde passou. Circulo de Bellas Artes, Madrid.

Burton Norton ▶



ATÉ 1 FEV
O BOSQUEXO DO MUNDO

Exposição colectiva que reúne trabalhos, esboços e materiais preparatórios de autores galegos cujas obras começaram a circular nas décadas de 70 e 80 do século XX.

Auditorio de Galiza, Santiago de Compostela.

Bosquexo ▶



ATÉ 16 FEV
MADRE

Exposição de fotografia de Marcos Adandía, homenageando as Mães da Praça de Maio no ano em que se celebram três décadas de democracia na Argentina.

Museo Nacional de Bellas Artes, Buenos Aires.

Madre ▶



ATÉ 23 FEV
CAZUZA MOSTRA SUA CARA

Exposição dedicada à vida e à obra do cantor brasileiro Cazuza Museu da Língua Portuguesa, São Paulo.

Cazuza ▶



ATÉ 4 MAR
ARTISTAS BRASILEIROS E POESIA CONCRETA

Exposição bibliográfica dedicada ao trabalho dos concretistas brasileiros, mostrando manuscritos e edições raras. Fundação de Serralves, Porto.

Poesia Concreta ▶



ATÉ ABR
MÁSCARAS PORTUGUESAS MÁSCARAS DO CICLO DE INVERNO

Exposição que reúne a colecção de máscaras do actor André Gago, usadas no Nordeste de Portugal nas festas do ciclo de Inverno. Museu da Marioneta, Lisboa.

Máscaras ▶



Ao contrário do que geralmente se diz, o futuro já está escrito, nós é que não temos ainda a ciência necessária para o ler. Os protestos de hoje podem tornar-se em concordâncias amanhã, também o contrário poderá suceder, mas uma coisa é certa e a frase de Galileu tem aqui perfeito cabimento. E pur si move. Bom 2014!

Diretor

Sérgio Machado Letria

Edição e redação

Andreia Brites

Sara Figueiredo Costa

Design e paginação

Jorge Silva/Silvadesigners

FUNDAÇÃO

JOSÉ SARAMAGO

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

<http://www.josesaramago.org>

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados
são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons

